

## CLIPPING SEMANAL DE MINERAÇÃO 07 a 11 de julho de 2014

(Coordenação: Karen C. Nasser de F. Borges, Ad Hoc Consultores Associados Ltda)

**1-07/07/2014**

### **Minério de ferro protege Vale de redução dos preços**

Por Fernanda Guimarães | Estadão Conteúdo

O atual cenário do minério de ferro acendeu o sinal amarelo em torno dos negócios das mineradoras, no entanto, a Vale é vista como a empresa do setor mais protegida em relação à redução dos preços e só uma queda mais brusca afetaria de fato a lucratividade da brasileira. Por ser detentora do minério de melhor qualidade do mundo e dona do título de mineradora de mais baixo custo, a companhia está em melhor posição competitiva em relação aos concorrentes, embora o preço mais baixo já esteja batendo em seus dados financeiros. Neste ano, o minério acumula perdas de 28%.

"Quando os preços do minério de ferro caírem a ponto de atingir a Vale de fato, todas as outras mineradoras do mundo já terão sido impactadas muito antes", disse o especialista em mineração e ex-diretor do Instituto Brasileiro de Mineração (Ibram), José Mendo de Souza, e consultor da J.Mendo. Neste ano, o preço do minério de ferro registrou a mínima em quase dois anos, batendo US\$ 89 a tonelada no mercado à vista chinês no mês passado. Na quinta-feira, 03, estava em US\$ 96,5 a tonelada na China.

Segundo cálculos do UBS, o ponto de equilíbrio (break even point) do preço do minério para a Vale, ou seja, valor que separa a atividade lucrativa daquela que gera perdas, é de US\$ 68 a tonelada na China. "A Vale é muito lucrativa com o minério em US\$ 100 a tonelada", afirma o analista do banco suíço Andreas Bokkenheuser. Embora os preços estejam neste momento um pouco abaixo desse valor, a previsão é de que fiquem em torno de US\$ 100 neste terceiro trimestre, segundo especialistas consultados pela reportagem.

"Acreditamos que os preços serão suportados ao longo das próximas quatro a seis semanas devido à atividade sazonal da construção na China", afirma Bokkenheuser. Em relatório recente, o BTG Pactual destacou que, na sua visão, o preço médio para este ano ficará em US\$ 105 a tonelada, mesmo valor projetado para 2015. Para o longo prazo, iria para US\$ 90. "Em nossa opinião, a única razão para reduzir Vale é se os preços caírem em torno de US\$ 80, um cenário que consideramos improvável", de

acordo com os analistas Leonardo Correa, Luiz Fornari e Antonio Heluany. A recomendação do BTG para as ações da Vale é de compra.

Os analistas do BTG destacam que a maioria da indústria de minério de ferro ficaria em grande pressão com os preços no patamar de US\$ 80 a tonelada. Um dos pontos que merece ser olhado, lembram, é como será a reação das mineradoras chinesas em relação à queda ainda maior dos preços do insumo, já que grande parte dessas companhias é de custo elevado. Os profissionais lembram que em setembro de 2012, quando os preços caíram abaixo de US\$ 90 a tonelada, algumas mineradoras locais suspenderam atividade.

No mercado, a percepção é de que a Vale conseguiu ao longo dos últimos anos ampliar a sua posição competitiva, tendo em vista que os investimentos em logística a aproximou de seu principal mercado consumidor, a China. A diferença da distância entre Brasil e Austrália para a China sempre foi um ponto a favor das australianas BHB Billinton e Rio Tinto. No primeiro semestre deste ano, por exemplo, o centro de distribuição da Vale na Malásia começou a receber os navios Valemax, que possuem capacidade para carregar 400 mil toneladas, que foram banidos dos portos chineses em 2012. Nele a Vale irá estocar minério e assim poderá atender com mais proximidade seus clientes asiáticos.

Neste ano, um dos fatores de pressão sobre os preços do minério de ferro é a entrada de novas capacidades. A previsão é de que as quatro maiores mineradoras do mundo irão adicionar uma oferta de 100 milhões de toneladas por ano no mercado internacional até 2015. Outro ponto que gera cautela é a preocupação em torno da atividade econômica chinesa. No entanto, de janeiro a maio, a produção de aço ainda registrou alta na relação anual. Segundo a Associação Mundial do Aço (WSA, na sigla em inglês), a produção de aço na China subiu 2,7% nos cinco primeiros meses do ano, para 342,519 milhões de toneladas.

**2-07/07/2014**

**Saldo comercial positivo da Vale deve voltar a superar o déficit da Petrobras**

[Google Plus](#)

Por **Marta Watanabe** | De São Paulo

No ano passado, o saldo comercial de US\$ 25,721 bilhões da Vale, empresa com maior superávit individual, praticamente empatou com os US\$ 25,716 bilhões de resultado negativo da maior deficitária comercial individual, a Petrobras, num reflexo do impacto da importação de petróleo na balança do país.

Neste ano, o saldo positivo da Vale deve voltar a superar o déficit da Petrobras. A folga entre os resultados das duas empresas, porém, não será tão grande quanto a de anos anteriores. A avaliação é da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB).

Desde 1997, quando começa a ser divulgada a relação dos 250 maiores exportadores e importadores do país, a Vale é a que individualmente apresenta, ano a ano, o maior superávit. Entre as empresas que geram o maior déficit se revezaram, nesse período, a Petrobras, a Refinaria Alberto Pasqualin (Refap, hoje integrada à Petrobras) e a Cisa, empresa de trading.

Em qualquer um dos casos, de 2002 a 2012 os superávits comerciais da Vale sempre cobriram o resultado negativo da maior deficitária. Em 2012, por exemplo, o superávit de US\$ 24,46 bilhões da Vale cobriu com folga o déficit da Petrobras, de US\$ 9,98 bilhões. Em 2011, o superávit da Vale foi de US\$ 33,67 bilhões e o da Petrobras, de US\$ 7,56 bilhões.

Para 2014, a perspectiva é de que a Vale vá continuar como maior exportadora e geradora individual de superávit, mas o saldo positivo deve ser um pouco menor que o de 2013, diz José Augusto de Castro, presidente da AEB. A previsão é que o superávit da mineradora fique entre US\$ 23 bilhões e US\$ 25 bilhões.

A estimativa da entidade é de elevação de 5% no volume exportado de minério exportado no ano, na comparação com 2013. A queda de preços, porém, deve resultar numa redução de 10% no faturamento com a exportação do minério.

A maior geradora de déficit comercial 2014, diz o estudo da AEB, ainda deverá ser a Petrobras. A estimativa, porém, é que o resultado negativo seja inferior a US\$ 20 bilhões, o que deve reduzir o déficit em quase US\$ 6 bilhões em relação ao resultado de 2013. Segundo Castro, a estimativa da AEB é que o volume de exportação de petróleo cresça 50% este ano em relação ao ano passado. A perspectiva é que também haja redução de importações de petróleo e derivados, mas será principalmente a expansão da exportação que deverá reduzir o tradicional déficit da empresa, diz Castro. "A Petrobras anunciou elevação de 7,5% de produção de petróleo no segundo semestre e já houve reação na exportação no fim de abril e na última semana de maio." Com esse desempenho, o superávit da Vale deverá cobrir o déficit que a Petrobras deverá gerar, mas sem a folga de períodos anteriores a 2013.

Castro lembra que apesar da elevação de produção de petróleo pesado, as refinarias brasileiras foram programadas para processar o petróleo leve, apesar de algumas refinarias terem sofrido adaptações para beneficiar o petróleo pesado. Por isso a Petrobras continua importando o petróleo leve de que necessita e exporta o petróleo pesado produzido no país, mas que não pode ser integralmente processado pelas refinarias domésticas. Esse é um dos fatores que contribui para que a Petrobras seja hoje a maior importadora individual e também a maior geradora de déficit comercial.

O quadro de preços mais reduzidos do minério de ferro, diz Castro, não deve alterar a perspectiva de que a Vale continue sendo a empresa com maior superávit comercial por longo tempo, a menos que haja mudança na atual política de exportação e importação.

Levantamento da AEB mostra que de 2010 a 2013 a Vale exportou US\$ 100,77 bilhões. O superávit comercial no período, de US\$ 107,13 bilhões, indica que as importações

nesses quatro anos somaram US\$ 3,64 bilhões. Ou seja, apenas 3,3% do total das suas exportações. A contribuição da empresa para um saldo positivo da balança comercial pode não se expandir muito este ano, mas continuará relevante. De 1997 a 2013, o superávit acumulado pela Vale foi equivalente a 51,7% do superávit de US\$ 312,7 bilhões acumulado pelo Brasil no mesmo período.

**3-07/07/2014**

## **Mais oportunidades na África**

Por **Dominique Pires e Emmanuelle Provent**

Durante toda a década de 1980 a África esteve ausente das prioridades diplomáticas do Brasil, mais interessado na consolidação do Mercosul. Até então o continente era percebido como fonte essencial da cultura nacional e com quem o país tinha uma dívida histórica. Mas também era associado a uma região em guerras permanentes e, por isso, incapaz de reverter um quadro de pobreza e subdesenvolvimento. A virada nas relações externas do Brasil com a África só veio com os governos de Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio Lula da Silva.

A mudança de estratégia coincidiu com as iniciativas de Angola junto à comunidade internacional para obter financiamentos que permitissem a reconstrução da infraestrutura básica, destruída por um conflito armado que durou quase três décadas. O governo angolano procurou junto à China e ao Brasil o apoio financeiro que lhe foi então negado pelos doadores ocidentais. Já era um país produtor de petróleo, mas ainda modesto.

Atualmente, depois da China (US\$ 14 bilhões), o Brasil é o país que mais concede empréstimos a Angola. As cinco linhas de crédito assinadas entre os dois países desde 2006 totalizam US\$ 5,2 bilhões. Esses financiamentos estão na origem do incremento significativo das exportações brasileiras para Angola e do posicionamento privilegiado das construtoras brasileiras nas obras públicas lançadas por esse país.

***Hoje Angola volta a crescer de forma mais sustentável. Previsões macroeconômicas do FMI, de outubro de 2013, apontam para um crescimento da economia angolana de 6,3% em 2014 - o que amplia as oportunidades de investimentos***

As maiores empresas brasileiras de construção civil (Odebrecht, Queiroz Galvão, Camargo Corrêa e Andrade Gutierrez, esta via Zagope, de Portugal) contribuem para o desenvolvimento angolano na construção e manutenção de estradas, de barragens e de infraestrutura de saneamento e de tratamento de águas e na reabilitação urbana e dos portos.

A partir de 2008, ocorreu uma retração da atividade no setor da construção civil. A crise financeira mundial provocou uma queda abrupta do preço do barril de petróleo - principal fonte de receita de Angola, representando de 40% a 50% do PIB. A dívida do Estado angolano com as construtoras brasileiras chegou a atingir US\$ 2,5 bilhões. Mas as medidas adotadas pelas autoridades angolanas no planejamento e na gestão financeira das obras públicas, aliadas à retomada dos preços do barril de petróleo a partir do terceiro trimestre de 2009, permitiram ao Estado angolano quitar a dívida e retomar um ambicioso plano de investimentos públicos a partir de 2012.

Hoje o país volta a crescer de forma mais sustentável e controlada. Previsões macroeconômicas do FMI, de outubro de 2013, apontam para um crescimento da economia angolana de 6,3% em 2014 - o que amplia as oportunidades de investimentos e negócios para as empresas brasileiras.

Segundo a Unctad, o Brasil respondeu por aproximadamente US\$ 4 bilhões de investimentos diretos em Angola entre 2001 e 2010, atrás dos Estados Unidos, da França, Inglaterra ou China, mas à frente de Austrália, Itália, Portugal, Alemanha e Espanha. No comércio externo, ao longo da última década (2000-2010), o saldo da balança comercial entre os dois países sempre foi muito positivo para o Brasil, exceto nos anos 2001 e 2008, durante os quais o país importou de Angola grandes quantidades de petróleo. As exportações brasileiras para o mercado angolano atingiram, em 2010, US\$ 1,073 bilhão. Açúcar e carnes (36,7%) foram os principais bens exportados.

As oportunidades estão em várias áreas. A Petrobras está presente como operador em diversos blocos, tanto em águas profundas como em águas rasas. Nesse setor, a reciprocidade de tratamento entre Angola e Brasil tem funcionado de forma positiva. No Brasil, a Sonangol adquiriu em 2009 a petrolífera brasileira Starfish, sexta produtora de petróleo no país. Por meio dessa empresa e da petrolífera portuguesa Galp Energia, em parceria com a Petrobras, a Sonangol está presente em 21 blocos num total de 33 dispersos pelas sete bacias brasileiras.

Angola dispõe também das maiores reservas de urânio da África. Possui cobre, ferro, manganês e minérios raros, tais como ouro, chumbo, zinco, estanho, wolfrâmio, titânio, vanádio, cromo e mercúrio. O país africano conta ainda com importantes jazidas de granito, mármore e quartzo. Está tudo ou quase tudo por explorar, à exceção dos diamantes, cuja produção representa 1% do PIB angolano. Nessa atividade, a única empresa brasileira ativa em Angola, mas de forma modesta em face do potencial que o país apresenta, é a Vale, por meio da sua participação da Gevale.

O Brasil pode apoiar Angola também no levantamento geofísico e geoquímico de todo o território angolano, por meio da Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais (CPRM). Até hoje esse levantamento foi realizado apenas em 25% do território, e nos tempos em que ainda era colônia de Portugal, com as técnicas da época. Aguarda-se a assinatura de um memorando de cooperação para definir a assistência técnica e a formação de quadros angolanos.

Outro setor no qual o Brasil tem marcado pontos é o da energia elétrica, por intermédio de Furnas Centrais Elétricas, da Alstom Brasil ou da Engevix (via Odebrecht), nas atividades de geração e de transmissão. No domínio das energias renováveis prossegue o desenvolvimento do maior projeto agroindustrial associado à produção de biocombustíveis em Pungo-Andongo, província de Malange. A Biocom, companhia de bionergia de Angola, tem participação de 40% da Odebrecht.

Luanda e Fortaleza estarão ligadas, até o fim de 2014, por um cabo submarino de fibra ótica para melhorar a transmissão de voz e de dados entre os dois países. O projeto está a cargo da Angola Cables que junta os cinco maiores operadores de telecomunicações do país.

Angola já deu sinais inequívocos da importância que atribui ao Brasil como parceiro estratégico do seu desenvolvimento. Um reconhecimento que governo e empresas

brasileiras podem traduzir em mais negócios em um país com o qual existem tantos laços históricos e culturais.

Dominique Pires é gerente de Desenvolvimento de Negócios da Mazars Angola

**4-07/07/2014**

### **Produção de alumínio cai 16,1% até maio**

Por **Olivia Alonso** | De São Paulo

Os cortes de produção anunciados desde o início do ano passado no Brasil levaram o volume de alumínio primário produzido no país a uma queda de 16,1% neste ano até maio. Juntas, as cinco empresas que atuam no setor - Albras, Alumar, Votorantim Metais, Alcoa e Novelis - produziram 470,4 mil toneladas nos primeiros cinco meses deste ano. No mesmo período do ano passado, foram 560,8 mil toneladas.

Apenas em maio, a queda foi de 26,4%, para 81,4 mil toneladas, ante 110,6 mil toneladas um ano antes. Se esse nível mensal permanecer até o fim do ano, a produção de 2014 somará 1,04 milhão de toneladas, 20% abaixo do volume de 1,30 milhão de toneladas no ano passado.

Depois de já ter reduzido a produção no ano passado, em março a Alcoa anunciou um corte de 147 mil toneladas de metal primário nas unidades de Poços de Caldas (MG) e na Alumar, onde atua em conjunto com a BHP Billiton, em São Luís (MA). A companhia tem capacidade de produção de cerca de 365 mil toneladas no país e, descontados os cortes, mantém em operação 85 mil toneladas, 23% do total.

O alto custo da energia para produção é uma das razões para os cortes no país. Tanto a Alcoa como a Votorantim Metais, que também reduziu a produção em Alumínio (SP), passaram a vender energia, aproveitando os preços mais altos do mercado. A Novelis também desativou parte de sua linha de Ouro Preto (MG) no ano passado e agora avalia se vai manter a operação.

**5-07/07/2014**

### **Governo confirma chegada de mineradora em Sergipe**

No Brasil, presente nos estados de São Paulo, Minas Gerais, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, especializada em minerais não-metálicos, a Mineração Jundu é associada ao grupo de origem francesa Saint-Gobain – indústria vidreira já implantada em Sergipe, hoje controlada pelo grupo Belga SCR-SIBELCO – e produz areias-base, areias especiais, sílica moída, areias cobertas para o processo Shell molding, calcário e dolomita. A intenção da indústria em Sergipe é fornecer matéria prima para a Saint-Gobain no estado e, futuramente, para outros estados do Nordeste.

O investimento inicial do projeto é de R\$15 milhões, com previsão de instalação da fábrica para o início de julho de 2015. Durante a apresentação, a empresa demonstrou interesse em ampliar os negócios em Sergipe. “De início usaremos matéria prima da

Bahia, mas em 2016 esperamos usar matéria prima daqui”. São 70 pessoas trabalhando na obra, 30 pessoas trabalhando na primeira fase e quarenta pessoas trabalhando na segunda fase. Para trabalhar na empresa, nós buscamos mão de obra local, que receberá o treinamento em São Paulo”, disse o Gerente de EHS da empresa, Ricardo Franzin.

A empresa também apresentou a preocupação em relação ao meio ambiente. “A água será utilizada em circuito fechado, aproveitando os declives do terreno e estão sendo tomados os cuidados com a geração de poeira. Trabalhamos com isso há 20 anos e nunca tivemos casos de problemas de saúde ligados à nossa indústria. Achamos que aqui, a solução é um chuveiro para evitar a flotação”, complementou Ricardo Franzin.

Segundo o secretário Saumíneo Nascimento, esta é uma pauta acompanhada pelo governador Jackson Barreto e disponibiliza a Sedetec como ponte da relação entre a empresa e o Estado de Sergipe. “A chegada da Jundu é uma ampliação de oferta para a sociedade. No aspecto interno, estamos à disposição, bem como outros órgãos do Estado. Nosso interesse é que sejam bem acolhidos”, conclui.

A reunião também contou com a presença do secretário municipal da Indústria e Comércio de Estância, Martinho Barreto, além dos representantes da Companhia de Desenvolvimento Econômico de Sergipe (Codise) Johelino Magalhães, diretor de recursos minerais; Elivaldo Silva Simões, diretor administrativo e financeiro; e João Lima, diretor de industrialização. De acordo com a apresentação da Jundu, o projeto está avançado em relação à prefeitura de Estância e a reunião seria uma forma de apresentar à Sedetec as pessoas envolvidas e o projeto em si.

Fonte: Jornal da Cidade

**6-07/07/2014**

**Contrato de Desempenho com a Metso ajuda a Alderon a atingir seus planos de start-up e receita no Projeto Kami de Minério de Ferro**

A Metso fechou um Contrato de Desempenho de cinco anos com a Kami Mine Limited Partnership, uma afiliada da Alderon, para o desenvolvimento do Projeto Kami de Minério de Ferro, localizado na região ocidental de Labrador, no Canadá. O contrato abrange os serviços de manutenção de todos os equipamentos da área de processamento. Nesse acordo, a Metso também fornecerá peças de reposição e desgaste, incluindo os revestimentos de moinhos Megaliner™, patenteados pela empresa. O valor do pedido não será divulgado.

“Escolhemos a Metso para melhorar a confiabilidade geral do equipamento, permitir um rápido ramp-up da capacidade nominal e assegurar as metas agressivas de custos de manutenção do nosso estudo de viabilidade”, afirmou Tayfun Eldem, Presidente e CEO da Alderon. “O presente acordo apresenta uma plataforma para alcançar esse objetivo e, ao mesmo tempo, reduzir as despesas de capital”, diz.

A Metso também é fornecedora dos principais equipamentos do Projeto Kami, incluindo moinho AG, moinho de bolas, virador de vagões e britador giratório primário. A entrega do equipamento de produção está programada para o quarto trimestre de 2014.

“Esse importante pedido da Kami Mine Limited Partnership demonstra a nossa capacidade de fazer uma diferença real e sustentável para os negócios dos nossos clientes. A Metso é, atualmente, um provedor de serviços completo e de parcerias para serviços de longo prazo, que agregam valor tanto para nossos clientes como para a empresa. Como é habitual nos Contratos de Desempenho, a Metso estará totalmente alinhada com as metas de produção do cliente e será remunerada com base no custo da tonelada de minério processado”, explicou Juha Silvennoinen, Presidente da Linha de Negócios de Serviços, Mineração e Construção da Metso.

O start-up da mina está previsto para o outono de 2016. O pedido será reservado gradualmente na entrada de pedidos da Metso durante o período de contrato. O contrato aplica-se a toda manutenção mecânica na área de processamento e não apenas dos equipamentos fornecidos pela fabricante. A Metso fornecerá, também, planejamento, supervisão, mão de obra, ferramentas manuais e materiais de consumo para realizar a manutenção preventiva, regular e os picos de demanda de manutenção, assim como substituições de peças de desgaste, gerenciamento de peças e outros serviços de manutenção identificados para o equipamento.

Para garantir que tanto a Alderon como outros clientes próximos continuem a receber serviços de primeira classe, a Metso decidiu abrir um centro de serviços local para clientes de mineração em Labrador City, no Canadá.

Sobre a Alderon

A Alderon é uma empresa de desenvolvimento de minério de ferro com sede no Canadá e tem escritórios em Montreal, Vancouver, St. John's e Labrador City. O Projeto Kami, 75% de propriedade da Alderon e 25% da HBIS, está localizado dentro da principal zona de minério de ferro do Canadá e é cercado por três minas produtoras de minério de ferro.

Fonte: Infomine

**7-07/07/2014**

## **GOVERNO CONTABILIZA MAIS R\$ 660 MILHÕES**

*Investimentos devem gerar mais de 4 mil empregos diretos e outros 1,2 mil indiretos. Para o governador, negócios vão ajudar o Estado a continuar batendo recordes nacionais no desempenho da balança comercial*

Em dois protocolos de intenções assinados na última semana – um que prevê a instalação da mineradora Amarillo, em Mara Rosa, e a expansão da usina Denusa, em Jandaia – o governador Marconi Perillo contabilizou investimentos de R\$ 660 milhões, na economia goiana. A Amarillo Mineração do Brasil, empresa de origem canadense, vai investir R\$ 440 milhões no beneficiamento e fundição de ouro, com previsão de gerar 3.655 empregos diretos e indiretos, 830 na fase de construção. Somente na fase de estruturação, o grupo vai investir R\$ 38 milhões de dólares na planta industrial.



O empresário William Richard Brown, diretor da empresa no Brasil, explicou que a escolha por Goiás deu-se em função, além da riqueza mineral goiana, da segurança jurídica assegurada pelo governo do Estado.

Em outro protocolo, a empresa Denusa, com sede em Jandaia, anunciou investimentos de R\$ 220 milhões para produção de energia elétrica, a partir do bagaço da cana de açúcar. A empresa, há 32 anos no Estado, prevê a geração de 350 empregos diretos e 400 indiretos com a expansão. O projeto de expansão econômica prevê a produção de açúcar voltada para o mercado externo e a comercialização de energia elétrica. Atualmente, a empresa produz apenas etanol.

O governador destacou que a semana foi extremamente produtiva para a economia de Goiás. Começou com a instalação de duas fábricas de automóveis em Hidrolândia e, ontem, foram assinados os protocolos com a Amarillo e com a Denusa. “Esses protocolos, no valor de R\$ 660 milhões, fortalecem nossa economia e vão ajudar o Estado a continuar batendo recordes nacionais no desempenho da balança comercial, geração de emprego, renda e oportunidades”, disse Marconi, na solenidade realizada no décimo andar do Palácio Pedro Ludovico Teixeira.

Durante o evento, o secretário de Estado de Indústria e Comércio, William O’Dwyer, confirmou que a balança comercial goiana registrou, este mês, o maior crescimento de sua história, com índices acima da média nacional.

Os prefeitos Elvino Coelho (Mara Rosa) e João Rodrigues (Jandaia) agradeceram o governador pelo empenho pessoal para garantir os investimentos. Ambos destacaram que os protocolos assinados vão gerar emprego e renda em seus municípios. “Mara Rosa, que já é um grande produtor de ouro vegetal (açafraão), agora vai produzir o ouro mineral”, disse o prefeito Elvino Coelho.

Participaram da solenidade, além do governador e dos representantes das empresas, os secretários William Leyser O’Dwyer (Indústria e Comércio), José Taveira Rocha (Fazenda), Mauro Faiad (Ciência e Tecnologia), Jaqueline Vieira (Meio Ambiente), os deputados estaduais Talles Barreto e Lincoln Tejeta, dentre outras autoridades.

“Esses protocolos, no valor de R\$ 660 milhões, fortalecem nossa economia e vão ajudar o Estado a continuar batendo recordes nacionais no desempenho da balança comercial, geração de emprego, renda e oportunidades”, Marconi Perillo, Governador de Goiás.

Fonte: Diário da Manhã

**8-07/07/2014**

**USINA DE CALCÁRIO EM ESPIGÃO DO OESTE DEVE INICIAR  
PRODUÇÃO NO DIA 10**

*O Governo do Estado investiu R\$ 12 milhões na construção da usina, que possui tecnologia de ponta.*

A equipe de trabalho da nova usina de calcário de Espigão do Oeste está finalizando a fase de testes de equipamentos. A previsão da Companhia de Mineração de Rondônia (CMR), órgão do Governo do Estado, é de que a usina comece a entrar em pleno funcionamento a partir da próxima quinta-feira, 10 de julho.

Para o presidente da CMR, Moisés Góes, além de proporcionar o produto em quantidade e com qualidade ao produtor rondoniense, a usina também irá reduzir as despesas com frete, pois o produtor rondoniense poderá comprar o material da região.

“Essa nova usina de calcário vai alavancar a produção dos agricultores, já que um calcário de boa qualidade ajuda na fertilização da terra, assim o proprietário poderá produzir bem, investir mais na sua produção e gastar menos com a aquisição do produto”, explicou Moisés.

O Governo do Estado investiu R\$ 12 milhões na construção da usina, que possui tecnologia de ponta. Toda a operação será automatizada. A usina de calcário terá uma capacidade de produção de 400 mil toneladas por ano. Esta é a primeira usina desse porte a ser construída em Rondônia em mais de 25 anos.

A usina está localizada no quilômetro 52 da Estrada do Calcário. A região possui uma das mais ricas jazidas desse minério em todo o Estado. Com a usina, o custo do frete será barateado e mais acessível em relação ao produto, que hoje é trazido em sua maior parte do Mato Grosso.

### **Correção do solo**

O calcário é um insumo básico para a agricultura e a pecuária, pois corrige a acidez do solo, melhorando a produtividade da lavoura e do pasto e beneficiando a produção de leite.

A produção da nova usina de calcário será suficiente para corrigir anualmente 160 mil hectares, ou seja, uma média de 3 mil hectares por ano para cada município. Em algumas lavouras, somente o fato de corrigir o solo com a quantidade exata e na época certa, é capaz de fazer a produtividade dobrar.

Os solos de Rondônia em sua maioria requerem a correção da acidez, o que pode ser facilmente realizado com a aplicação de calcário. A média de calcário aplicado por hectare se situa entre 2 mil e 4 mil quilos, sendo que a análise do solo definirá a quantidade exata, considerado as exigências de cada cultura.

Fonte: Rondon Notícias

**9-07/07/2014**

## **MATOZINHOS INVESTIRÁ RIQUEZA DO CALCÁRIO EM NOVO DISTRITO INDUSTRIAL**

Com 34 mil habitantes, a pequena Matozinhos, distante 47 quilômetros de Belo Horizonte, é sede de grandes empresas de mineração, caldeiraria, refratários e cimentos. O município, tema da sexta matéria da série de reportagens sobre cidades mineradoras, publicada aos domingos pelo Hoje em Dia, utiliza a receita que vem da indústria para incrementar a infraestrutura e aprimorar a qualidade da mão de obra local. Um segundo distrito industrial já está no forno.

Segundo o prefeito Antônio Divino de Souza (PMDB), o principal objetivo das ações do Executivo municipal é geração de emprego e o aumento da arrecadação. A intenção é a de que o novo distrito industrial seja voltado para instalação de empresas direcionadas para os segmentos tecnológicos. “Com isso, pretendemos atrair formação tecnológica para nossos jovens, igual vemos em cidades mais desenvolvidas”, diz.

De acordo com ele, já há parceiros interessados na construção do novo parque industrial, que será erguido na modelagem de parceria público-privada, em função do volume de investimentos previstos. Também é necessário construir uma nova via de acesso, como novo desenho e traçado.

Com a demanda efervescente, o distrito industrial existente já exauriu suas áreas para novos projetos. Entre as 46 empresas que lá estão, a maioria no segmento de caldeiraria, destacam-se as unidades da Yazaki, Construmetal, Edgel, Teixeira Empreendimentos, Label Distribuidora (Grupo Belfar), Marmoraria e Granitos Teixeira, Central Ibec, Mecalbras, Decor Vidros, Soldecar, Sava Móveis, Fortmetal, Calmom, MM Tratamento Metais, Usimig, DMF Pré-moldados, Magna Flux, Adubos Vanguard, Fragminas, Caesp, Ligas Gerais, entre outras.

A atividade minerária tem peso fundamental para a economia da cidade. O pagamento de impostos das mineradoras corresponde a 25% da arrecadação municipal, dinheiro que é investido, segundo o prefeito Antônio de Souza, em áreas prioritárias como a saúde, educação e infraestrutura.

### **Calcário**

Uma das mais importantes companhias é a Mineração Belocal, da multinacional belga Lhoist, que produz cal a partir da calcinação de calcário retirado de mina própria. Nos planos da companhia para os próximos anos, estão investimentos da ordem de R\$ 100 milhões.

Segundo o diretor de Operações da Belocal, Sávio Torres, a empresa fincou os pés em Matozinhos em 2004, quando adquiriu os ativos de cal industrial da Votorantim Cimentos. “Com a chegada da Belocal, houve uma expansão da unidade de britagem e calcinação, trazendo benefícios como a criação de mais postos de trabalho, o que consequentemente gerou uma maior movimentação no comércio local”, diz.

Hoje, a fábrica conta com 170 funcionários diretos. Cerca de 80% desses empregados são moradores de bairros próximos à unidade. A empresa produz cal virgem, produto empregado em diversos segmentos, com destaque nas siderúrgicas no Vale do Aço e também de São Paulo e Rio de Janeiro, indústrias de papel e celulose e para o processo de pelotização do minério de ferro.

Cerca de R\$ 1 milhão por mês são recolhidos aos cofres estaduais a título de Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS). Já o pagamento da Compensação Financeira pela Exploração de Recursos Minerais (Cfem) é de aproximadamente R\$ 75 mil mensais. E Matozinhos fica com o equivalente a 65% desse montante.

“Nos próximos anos, com os projetos de expansão da capacidade produtiva, vamos gerar ainda mais empregos e impostos”, afirma o diretor Sávio Torres.

### **Técnicos são formados na própria cidade na escola do Senai**

Grande parte da mão de obra utilizada nas diversas fábricas já instaladas em Matozinhos é formada no próprio município. Das salas de aula da escola do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai), que mantém na cidade o Centro de Formação Profissional Isauro Figueiredo, da Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (Fiemg), saem pelo menos 40% dos futuros funcionários das unidades fabris.

Vinte instrutores ministram, nos três turnos, cinco cursos técnicos: Mecânica, Elétrica, Automação Industrial, Administração e Informática. Ao final, o estudante com pelo menos 60% de aprovação e 75% de frequência recebe o diploma. E, na maioria dos casos, ganha uma vaga no mercado de trabalho. Homens e mulheres estão em igual número. “Profissões até então masculinas estão sendo hoje ocupadas por mulheres. É o caso das funções ligadas a refratários e mecânica. As próprias empresas buscam as profissionais, geralmente mais atentas a detalhes e mais observadoras”, descreve o diretor da unidade, André Luiz Pires Horta.

Atualmente, a escola tem 748 matriculados. No segundo semestre, serão abertas outras 300 vagas. “O aproveitamento dos estudantes no mercado de trabalho da cidade é muito satisfatório. Pelo menos 40% conquistam um posto em Matozinhos, enquanto os outros 60% prosseguem nos estudos, chegando a cursar faculdade”, afirma Horta.

Esse é o sonho do aluno do curso de caldeiraria Jonathan Henrique Rocha, 18 anos, que já garantiu o diploma de soldador. “Espero aprofundar na metalurgia, conseguir um emprego e ir para a universidade. Quero ser engenheiro”, diz.

O colega Ygor Martinho, 17, está no seu primeiro curso. “Aqui em Matozinhos tem muito emprego nessa área. Estou abrindo as portas para meu futuro”, acredita. Quem um dia foi aluno e teve a carteira assinada por uma grande empresa também retorna à instituição como instrutor. Essa é a história de Cristhian Layon, 23, que formou-se em 2009 e hoje ensina noções de eletrotécnica, caldeiraria e solda a 20 estudantes.

O professor Marcos Paulo é outro que trocou de posição na sala de aula. “A partir do conhecimento adquirido, os alunos conseguem emprego e agregam valor à indústria. Os setores que mais demandam profissionais são petróleo, gás e mineração em geral”, diz.

### **Atividade industrial beneficia o comércio**

A indústria também engorda o caixa dos comerciantes locais. Há 11 anos, quando abriu a Panificadora Tropical, no Bairro Cruzeiro, a empresária Geralda de Fátima Gonçalves tinha nove funcionários. Mas em 2009, quando assinou contrato para fornecimento de café da manhã para empregados de várias empresas, ela ampliou o quadro para 32 profissionais e fermentou o lucro.

Só para a indústria Belocal, a maior da cidade, a padaria envia, de segunda a segunda, 160 pães de sal, 80 pães doces e 130 minibolos. “Às vezes variamos com pão de queijo e cachorro quente”, diz. Em dia de festa como as de aniversariantes do mês ou Dia das Mães, é a vez dos cupcakes. “Para incrementar o lanche, duas confeitadeiras foram treinadas. E a receita ficou um sucesso”, afirma Felipe Gonçalves, filho e braço direito de Geralda na direção da padaria.

Com o ingrediente da indústria, a família comemora o crescimento médio de 10% ao ano no faturamento. As parcerias e convênios com quase 30 unidades fabris também são fundamentais para a Farmácia São Marcus, no Centro. “É uma fatia determinante para a manutenção no número de funcionários e atendimento 24 horas”, afirma o administrador Ronaldo Duarte Xavier Júnior.

### **Termômetro**

Para o presidente da Câmara de Dirigentes Lojistas de Matozinhos (CDL), Vinícius Araújo Silva, a indústria é termômetro para o comércio local. “Se a performance das fábricas vai bem, puxa a economia para cima. Mas se esfria, ou se há demissão, sentimos diretamente o impacto”, diz ele, que considera 2013 e o primeiro semestre de 2014 meio mornos.

Dono da Centrogás, Silva e sua família abriram o negócio há 11 anos. Graças à demanda por gás especial, principalmente pelas empresas de caldeiraria instaladas na cidade, ele passou de dois para 12 funcionários e viu o faturamento aumentar 10% ao ano, em média.

### **Depoimento**

#### **Diniz Pinheiro, presidente da Assembleia Legislativa de Minas Gerais**

“Encontramos em Matozinhos um recorte da típica cidade mineira: eloquente no equilíbrio entre tradição, modernidade e montanhas. Sua economia reflete a pujança industrial de Minas, tendo abrigado, ainda em 1908, a primeira fábrica de tecidos de lã do Estado. A mineração explica em grande medida a performance da economia matozinhense, afinal 15% de todo o minério de ferro extraído do mundo vem do Brasil,

e Minas Gerais é onde encontramos as maiores e melhores jazidas minerais do país. E é nesse contexto que Matozinhos vive um dilema, que é também de Minas, do Brasil e do mundo. A mineração é fonte de riqueza e bem-estar para todos, mas ela gera impactos locais. Ela altera o meio ambiente e como isso a vida daqueles que vivem no entorno das áreas minerárias. Por isso é necessário que a sociedade tenha em mãos tanto um conjunto de normas para promover e perpetuar a riqueza proveniente do subsolo, como para se proteger e minimizar dos impactos não desejáveis da atividade.”

Fonte: Hoje em dia

**10-08/07/2014**

### **INVESTIMENTOS DO BRASIL NO PERU SUPERAM 6 BILHÕES DÓLARES**

Com grandes projetos de mineração, indústria e de modernização de portos ainda em estudo, as perspectivas de investimentos brasileiros são muito boas e podem registar um aumento ainda maior até o final do ano, disse o embaixador Carlos Laxary Texeira, citado pela edição online do jornal El Comercio.

O diplomata explicou que a chegada de investimentos brasileiros se deve a "uma maior convicção de que existem condições económicas favoráveis no Peru" para atrair novas empresas.

Em Junho, o consórcio Gasoducto Sur Peruano, formado pela empresa brasileira Odebrecht e pela espanhola Enagas, ganhou a concessão do projeto do sistema de transporte de gás ao sul do Peru após ter apresentado a proposta de 7,328 biliões de dólares.

Fonte: Angola Press

**11-08/07/2014**

### **ORINOCO ENCONTRA 840 G/T DE OURO NO PROJETO CASCAVEL**

A Orinoco Gold afirmou na última segunda-feira (07/07) que os primeiros resultados da rampa de exploração do projeto de ouro Cascavel, em Goiás, apontaram uma interseção de 0,5 metros com teor de 842 g/t de ouro, ou 21 onças por tonelada, entre 17,34 e 17,72 metros, confirmando o alto teor do projeto. Cascavel faz parte do projeto polimetálico Faina Goldfields.

Os resultados, junto com a sondagem anterior, trincheiras e amostragem de grande volume, apontaram potenciais zonas de cisalhamento, com mineralização de ouro próxima à superfície, permitindo desenvolver um projeto de alto teor e baixo custo. Segundo a Orinoco, a mineralização parece aumentar de teor e espessura ao longo da direção sul do corpo mineral.

De acordo com a mineradora, os resultados apontaram também uma interseção de 5,73m @ 113,3 g/t de ouro, ou 3,6 oz/t, entre 12,43 e 18,16 metros, incluindo 2,46 m @ 239,4 g/t de ouro, ou 7,7 oz/t, a partir de 15 metros. Um outro ensaio retornou 282 g/t Au, com quantidade significativa de ouro em metros subsequentes, mas que ainda não foram analisados.

A Orinoco afirmou que continuará a exploração em Cascavel para encontrar novos alvos de alto teor de ouro e para avaliar o desenvolvimento do método de mineralização ideal para a área, incluindo uma possível mina a céu aberto para extrair o minério superficial.

Segundo o diretor da empresa, Mark Papendieck, a exploração tem sido eficaz no fornecimento de informações precisas. "Estes resultados, juntamente com as informações que adquirimos a partir da sondagem e amostragem de grande volume, confirmam que Cascavel é um sistema de ouro de alta qualidade com excelente potencial para desenvolvimento no curto prazo ", disse.

"Continuamos a ser surpreendidos com a extensão da mineralização de alto teor tão perto da superfície, passível de extração por meio de métodos de baixo custo. Assim, continuarmos a avaliar os potenciais cenários de mineração subterrânea possíveis com os nossos acordos de licenciamento existentes e os resultados estão mostrando que há um grande potencial para mineração a céu aberto em Cascavel", afirmou Papendieck.

O Projeto Cascavel faz parte de uma região de produção de ouro emergente, dentro da área do projeto polimetálico Faina Goldfields. A Orinoco Gold controla 70% de Faina Goldfields. Os outros 30% pertencem à Centaurus Metals. Fora do Brasil, a Orinoco detém o projeto de ouro 14 Mile Well, em Western Australia.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

**12-08/07/2014**

## **CONHEÇA AS VENCEDORAS DO PRÊMIO GREENMINE'2014**

A revista In The Mine divulga as empresas vencedoras da primeira edição do Prêmio Green Mine, de Desenvolvimento Sustentável. A premiação aberta a todas as mineradoras com atuação no Brasil reconhece os melhores projetos realizados no ano de 2013, sob o enfoque econômico, ambiental e social, reafirmando o compromisso e a responsabilidade dessas companhias no aproveitamento consciente dos recursos minerais, na preservação ambiental e no relacionamento com as comunidades em sua área de influência.

No grupo Indicadores Ambientais, o Prêmio Green Mine foi conferido às seguintes empresas:

Kinross Brasil Mineração, categoria Água, com o case “Projeto de Recuperação das Nascentes do Município de Paracatu”; Yamana Gold, categoria Resíduos, case “Definição de Sistemas de Cobertura de Barragem de Rejeitos na Mineração Fazenda Brasileiro”; Samarco, categoria Biodiversidade, com o case “Preservação Ambiental de Tartarugas Marinhas no Terminal Portuário em Anchieta” e AngloGold Ashanti, categoria Fechamento de Mina, com o case “Fechamento da Cava Cachorro Bravo na mina Córrego do Sítio”.

As mineradoras Green Mine do grupo Indicadores Sociais são: categoria Ações Comunitárias – Educação, Votorantim Metais com o case “Projeto Futuro em Nossas Mãos”; Ações Comunitárias – Geração de Renda, Mineração Rio do Norte (MRN), com o case “Manejo Sustentável de Copaíbas”; Ações Comunitárias – Cultura, Mineração Jundu, com o case “Patrocínio a Projetos Culturais através de Leis de Incentivo Fiscal” e, na categoria Saúde e Segurança Ocupacional, a Yamana Gold, com o case “Sistema de Gestão de Segurança e Saúde Ocupacional da Mineração Maracá”.

Finalmente, no grupo Indicadores Econômicos, são consagradas como empresas Green Mine, a Mineração Jundu, na categoria Projeto, com o case “Controle e Recuperação Ambiental da Planta de Descalvado” e a Yamana Gold, vencedora das categorias Lavra e Pesquisa Mineral, com cases que explicam a aplicação da “Teoria das Restrições” para o aumento da produção e para a redução dos custos no desenvolvimento de mina e na realização de sondagens.

Os cases vencedores do Prêmio Green Mine’2014 serão publicados no Anuário de Sustentabilidade da revista In The Mine (edição 51).

Fonte: In The Mine

**13-08/07/2014**

## **MILTON REGO É ESCOLHIDO PARA PRESIDÊNCIA DA ABAL**

O executivo Milton Rego assume em 14 de julho o posto de presidente executivo da Associação Brasileira do Alumínio (Abal). Engenheiro mecânico e economista, Rego tem 59 anos e era diretor de comunicações e relações externas na CNH Industrial.

Rego também era vice-presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), onde ocupava ainda a posição de coordenador da câmara de máquinas autopropulsadas. No lugar dele, assume Ana Helena de Andrade, diretora de assuntos governamentais da AGCO para a América do Sul.

O executivo tinha também a posição de vice-presidente da câmara setorial de máquinas rodoviárias da Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (Abimaq).



Até o ano passado, a Abal tinha no seu comando Adjarma Azevedo, que acumulava as funções de presidente do conselho e presidente executivo. Em novembro, Tito Martins, presidente da Votorantim Metais, assumiu a presidência do conselho da Abal.

Desde então, a entidade começou a buscar um presidente executivo e contratou uma empresa de recrutamento para a seleção. Em meio às dificuldades enfrentadas pelo setor do alumínio, a Abal decidiu que teria dois presidentes, como uma forma de fortalecer a defesa do setor.

Em entrevista ao Valor, Azevedo disse no fim do ano passado que o maior desafio da entidade seria lutar para manter a sustentabilidade da cadeia do alumínio. Ele citou entre os principais problemas a produção do metal primário, mas afirmou que as dificuldades vão desde a exploração da bauxita, com as dúvidas em torno do novo código da mineração, até a venda dos produtos finais, com a forte concorrência de importados.

No caso do alumínio primário, os altos custos de energia inviabilizaram algumas operações de empresas atuantes no país. Após cortes da Alcoa, da BHP Billiton, da Votorantim Metais e da Novelis, a produção brasileira acumula queda de 16% nos primeiros cinco meses deste ano em relação ao mesmo período do ano passado.

Fonte: Valor Econômico

**14-08/07/2014**

## **BELOCAL INVESTE R\$ 100 MI EM OPERAÇÃO DE CALCÁRIO EM MINAS GERAIS**

A Mineração Belocal da multinacional belga Lhoist vai investir R\$ 100 milhões na expansão da capacidade produtiva de cal, a partir da calcinação de calcário retirado da mina em Matozinhos, Minas Gerais. Os principais mercados dessa cal são construção civil, pelotização e siderurgia.

Os projetos de expansão da capacidade produtiva vão gerar ainda mais empregos e impostos para Matozinhos, segundo o diretor de operações da Belocal, Sávio Torres. Atualmente, a cidade fica com 65 % dos R\$ 75 mil pagos mensalmente pela empresa como Compensação Financeira pela Exploração de Recursos Minerais (Cfem).

A Mineração Belocal está em Matozinhos, desde 2004, quando a companhia adquiriu os ativos de cal industrial da Votorantim Cimentos. “Com a chegada da Belocal, houve uma expansão da unidade de britagem e calcinação, trazendo benefícios como a criação de mais postos de trabalho”, disse o diretor de operações da Belocal em entrevista ao jornal Hoje em Dia.

Os 170 funcionários da unidade trabalham na produção de cal virgem, produto empregado em diversos segmentos, com destaque nas siderúrgicas no Vale do Aço

(MG) e também de São Paulo e Rio de Janeiro, indústrias de papel e celulose e para o processo de pelletização do minério de ferro.

A cal está na composição de materiais de construção modernos, tais como concreto aerado e tijolos sílico-calcários. As argamassas à base de cal fazem parte das misturas de alvenaria e gesso utilizadas na construção de fachadas.

Matozinhos está a 47 km de Belo Horizonte. O pagamento de impostos das mineradoras corresponde a 25% da arrecadação municipal, dinheiro que é investido, segundo o prefeito Antônio de Souza, em áreas prioritárias como a saúde, educação e infraestrutura.

A Mineração Belocal faz parte do Lhoist América do Sul (LSA) que emprega mais de 600 pessoas em nove instalações no Brasil, Chile e Colômbia. O Grupo Lhoist produz cal e calcário para construção civil, mineração, pelletização, siderurgia, tratamento de água, nutrição animal entre outras aplicações.

Com sede na Bélgica, a empresa está presente em 25 países com mais de 90 unidades industriais. As informações são do jornal Hoje em Dia e do website da Belocal.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

**15-08/07/2014**

### **Simandou poderá reduzir preço do minério em US\$ 5 por tonelada**

Por **Francisco Góes | Do Rio**

O desenvolvimento das reservas de Simandou, na Guiné, na costa oeste da África, pela anglo-australiana Rio Tinto, tem potencial para reduzir o preço de mercado do minério de ferro em US\$ 5 por tonelada a longo prazo, segundo estimativa da consultoria britânica CRU. Esse recuo poderia diminuir em 25%, por sua vez, o valor do maior projeto da história da Vale, o S11D, na Serra Sul de Carajás, no Pará, projeta a CRU. Isso ocorreria porque seria reduzido o preço de mercado no qual a Vale estaria apta a vender o minério de ferro do S11D. Nesse cenário, haveria menores receitas e um fluxo de caixa livre também menor, além de um valor presente líquido mais baixo para o projeto, disse Serafino Capoferri, consultor da CRU.

A Vale afirmou que a primeira fase do S11D entra em operação em 2016 e uma "eventual" duplicação do projeto poderá ocorrer antes de 2020 e a um custo substancialmente inferior à sua primeira fase e mesmo abaixo do custo de Simandou. "Portanto, não vemos nenhuma chance de a produção do S11D ser deslocada e não oferecer retornos compensadores para nossos acionistas", disse a empresa ao **Valor**.

A mineradora brasileira afirmou ainda que à medida que os produtores de menor custo forem adicionando capacidade, é natural o deslocamento dos preços para baixo. "Mas não podemos estimar essa dimensão [de redução no preço de US\$ 5 por tonelada], pois,

devido a outros fatores, a curva de custo da indústria tende a se deslocar para cima", afirmou a Vale.

Capoferri, da CRU, disse que o acordo assinado recentemente pela Rio Tinto e seus sócios com o governo da Guiné representou um passo à frente em Simandou, mas reconheceu que o projeto ainda enfrenta o desafio de encontrar investidores com poder de fogo para financiar a infraestrutura do projeto. A estimativa é que Simandou vai custar US\$ 20 bilhões à Rio Tinto e seus parceiros, incluindo o desenvolvimento das minas e a construção de uma ferrovia de 650 quilômetros e de um porto.

***Queda no preço a longo prazo reduziria em 25% valor do maior projeto da Vale, o S11D, diz consultoria britânica***

No fim de maio, a Rio Tinto, sua sócia chinesa Chinalco, a International Finance Corporation (IFC), do Banco Mundial, e o governo da Guiné assinaram um acordo marco de investimentos para levar adiante a exploração dos blocos 3 e 4 de Simandou, que têm potencial de produzir 100 milhões de toneladas de minério de ferro por ano quando estiver plenamente operacional, a partir do fim desta década. Vai ser o maior projeto combinado de minério de ferro e infraestrutura já desenvolvido na África, segundo afirmou a Rio Tinto na ocasião da assinatura do acordo em Conakry, a capital guineense.

Para Capoferri, Simandou não deverá ter impacto no mercado de minério de ferro até 2020. É a partir dessa data, aproximadamente, que poderá haver um déficit entre demanda e oferta de minério de ferro, considerando as operações existentes. Desta forma, abriria-se espaço no mercado para novas operações. A Vale concorda com essa avaliação e acrescenta que existem outras opções de crescimento da produção, além de Simandou, para 2020.

Os analistas da CRU consideram ainda que, embora a rentabilidade de Simandou para a Rio Tinto e seus sócios não esteja clara, o projeto fornece à mineradora anglo-australiana uma clara vantagem em termos de participação de mercado. Com Simandou, a Rio Tinto poderia ultrapassar a Vale como a maior exportadora no mercado internacional de minério de ferro, com base nas minas em operação e nos projetos de expansão comprometidos. Capoferri estima que, em 2014, Vale e Rio Tinto devem ter, cada uma, participação de 21% no mercado internacional de minério de ferro. O especialista disse também que a CRU vê com "ceticismo" algumas das expansões da Vale, mas não citou projetos específicos.

A Vale afirmou que os projetos da empresa em implantação devem assegurar uma capacidade de 450 milhões de toneladas até 2018. "Não acreditamos que nenhum dos nossos concorrentes possa atingir essa produção até 2018. E, dependendo do apetite do mercado, temos novos projetos em desenvolvimento para entrada em operação após 2018, como a [possível] duplicação do S11D", afirmou a mineradora brasileira.

E acrescentou: "Os projetos em implantação seguem dentro do cronograma e deverão assegurar um acréscimo de produção em torno de 150 milhões de toneladas até 2018. Não podemos opinar sobre o ceticismo do analista, pois é um sentimento subjetivo que não foi quantificado no relatório", disse a Vale.

***"Não vemos nenhuma chance de a produção do S11D ser deslocada e não oferecer retornos aos acionistas", diz Vale***

Capoferri disse, por outra parte, ser difícil prever se a Vale deverá fazer uma oferta pelos demais blocos de Simandou a serem licitados pelo governo da Guiné. Afirmou que a Vale enfrentou adversidades em parcerias em lugares "exóticos" no passado. O analista avaliou que a Rio Tinto tem uma clara vantagem de economia de escala para fazer uma oferta pela parte sul dos depósitos de Simandou.

Em abril, o governo da Guiné revogou os direitos minerários em Simandou Sul (Zogota) e Simandou Norte (blocos 1 e 2) pertencentes à VBG, uma sociedade agora desfeita, mas que até então reunia a Vale e o investidor franco-israelense Beny Steinmetz, da BSG Resources. A decisão do governo de cancelar as concessões da VBG foi tomada depois de mais de dois anos de investigações sobre supostas práticas de corrupção envolvendo a BSGR. As áreas que estavam com a VBG serão levadas à licitação novamente.

Sobre a possibilidade de fazer uma nova oferta por Simandou, a Vale afirmou: "Só poderemos opinar sobre Simandou quando soubermos das condições da concorrência a ser promovida pelo governo da Guiné. Ao retirar no passado metade da concessão do atual detentor [Rio Tinto], o governo manifestou claramente um desejo de alternativas para essa concessão, desejo este que tem se mantido por três governos que se seguiram desde 2008, quando isso ocorreu." A mineradora brasileira acrescentou: "É público que o governo da Guiné deseja acionistas diferentes para os diversos lotes de Simandou."

E concluiu: "Com relação às dificuldades enfrentadas em 'lugares exóticos', lembramos que a Vale tem se saído melhor em Moçambique e na Indonésia do que outros competidores. Qual é o projeto de relevância do nosso competidor [Rio Tinto] no continente africano? Também temos o exemplo dos investimentos em cobre na Mongólia e na Indonésia que demonstram que essas dificuldades em lugares exóticos não são privilégio de nenhuma grande mineradora em particular."

**16-09/07/2014**

### **Projetos de infraestrutura demandam crédito privado**

Os investimentos em infraestrutura programados pelo governo e pelo setor privado para os próximos cinco anos somam ao redor de R\$ 1 trilhão, de acordo com diversas estimativas recentemente publicadas pelo **Valor**. Projeção feita pelo Itaú BBA relaciona R\$ 922 bilhões em investimentos até 2018. Estimativa da Sociedade Brasileira de

Tecnologia para Construção e Mineração (Sobratema), que inclui a construção de habitações e indústrias, chega a R\$ 1,2 trilhão.

Apenas o setor de óleo e gás vai concentrar 59% dos investimentos previstos pelo Itaú BBA e boa parte do total será injetado pelo setor privado na exploração e produção, por meio de plataformas de perfuração e navios de apoio, por exemplo. Os transportes ficam com uma fatia de 22%, divididos entre ferrovias e portos (6% cada um), rodovias e mobilidade urbana (4% cada) e aeroportos (2%). O setor de energia ficará com 18% para projetos de geração nas diversas modalidades (hidrelétricas, eólicas, térmicas e biomassa) e transmissão. Há ainda uma fatia de 1% para o saneamento.

Somente em concessões são esperados R\$ 385,8 bilhões entre este ano e 2017 pelo próprio governo, entre projetos de energia (39%), telecomunicações (31%) e logística (30%) - será um valor bem superior à média de R\$ 70 bilhões por ano investidos registrada nos três primeiros anos do governo de Dilma Rousseff.

O programa de concessões, especialmente o Programa de Investimento em Logística (PIL) levou um tempo para ser estruturado e demorou para pegar ritmo. Na prática, deslanchou mesmo a partir de meados de 2013, quando foram feitas mudanças nas regras do jogo de modo a melhorar o retorno dos empreendimentos. Em alguns casos, os projetos ainda não saíram da prancheta. Nos portos, há questionamento por parte do Tribunal de Contas da União (TCU); e, nas ferrovias, o modelo calcado no papel da Valec ainda não convenceu o próprio governo.

Mas os projetos que já estão sendo tocados ou estão no pipeline poderão alavancar o crescimento do país, que anda bem fraco. No último mês, a pesquisa Focus realizada pelo Banco Central junto a cerca de 100 instituições financeiras e consultorias registrou a redução da previsão de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) deste ano de 1,4% para 1,07%, na esteira da retração da produção industrial.

A expansão da infraestrutura também deverá aumentar a taxa de investimento, que está bem abaixo do desejável. Em 2013, foi equivalente a 18,4% do PIB; no primeiro trimestre deste ano, caiu para 17,7%. A expectativa é que os investimentos em infraestrutura levem a taxa para o patamar de 20%.

O investimento em infraestrutura é condição para o Brasil voltar a crescer, sem pressionar a inflação. Com energia, telecomunicações, rodovias, ferrovias, portos e aeroportos eficientes será possível ampliar a produção, alavancar a produtividade da mão de obra e as vendas externas, a custos competitivos no mercado internacional. Um dos setores mais dinâmicos da economia brasileira, o agronegócio, perde todo ano muito dinheiro com as deficiências da infraestrutura.

Um problema porém é o financiamento dos projetos, que tem contado basicamente com recursos do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Somente para financiar os projetos de logística, o banco desembolsou R\$ 8,8 bilhões no

ano passado e deve liberar R\$ 10 bilhões neste ano. O dobro será necessário em dois anos.

As tentativas do governo de montar modelos de financiamento ancorados no setor financeiro privado nem sempre decolaram, como é o caso das ferrovias. Mas têm sido bem-sucedidas as operações de project finance.

As debêntures de infraestrutura, lançadas em 2012 com o incentivo da isenção de Imposto de Renda (IR) para pessoas físicas e investidores estrangeiros, somam R\$ 7,5 bilhões até maio. O mecanismo de financiamento tem sido utilizado principalmente pelo setor de transporte (58,4%), cujo modelo de negócios é mais conhecido pelo investidor. Em menor escala pelas empresas de energia (33,6%) e pela aviação (8%).

Os crescentes problemas fiscais do governo limitam, porém, a atuação do BNDES e tornam urgente e necessária a maior participação do setor privado e do mercado de capitais. Caso contrário, a infraestrutura brasileira vai continuar marcando passo.

Fonte: Valor

**17-09/07/2014**

### **Minério de ferro em alta**

O minério de ferro subiu 0,6% e voltou ao patamar da última sexta-feira, negociado a US\$ 96,50 por tonelada no mercado à vista da China, em um dia mais positivo para o setor siderúrgico do país, após a divulgação de alguns resultados bons do mercado imobiliário local. Em julho, o minério de ferro vem sendo negociado a US\$ 95,70 por tonelada, em média, 3,2% acima da média de US\$ 92,70 por tonelada em junho. Os valores são do minério com teor de 62% de ferro, o mais usado como referência no setor. No mercado físico, entre os negócios realizados hoje, a Vale ofereceu minério de ferro de Carajás com teor de 64,34% de ferro por US\$ 104,23 a tonelada, segundo levantamento do Standard Bank. O banco estima preço de US\$ 100 a US\$ 105 por tonelada neste terceiro trimestre. Analistas destacaram o crescimento dos embarques brasileiros de minério de ferro, que somaram 29,4 milhões de toneladas em junho, ante 29,3 milhões em maio.

Fonte: Valor

**18-09/07/2014**

Destaques

### **Alcoa lucra no 2º trimestre**

A produtora de alumínio Alcoa registrou lucro líquido de US\$ 138 milhões no segundo trimestre, revertendo o prejuízo de US\$ 119 milhões no período de abril a junho de 2013. A receita líquida caiu 0,2%, para US\$ 5,44 bilhões, mas os custos e despesas totais caíram 5,8%, para US\$ 5,63 bilhões. O resultado de US\$ 0,18 por ação superou as

expectativas do mercado, de US\$ 0,12 por ação. A estabilização do preço de alumínio e a expansão da empresa em segmentos de mais rápido crescimento, como o aeroespacial, contribuem para a melhora dos resultados. A divulgação da empresa marca o início extraoficial da temporada de resultados nos Estados Unidos, pois a empresa não está mais listada no índice Dow Jones.

Fonte: Valor

**19-09/07/2014**

Tapajós: Eagle Graphite amalgama com a Amerix e vende Porto Rico

A junior canadense Eagle Graphite Corp está fazendo um reverse takeover da Amerix Precious Metals Corp. A Amerix é conhecida pelo seu envolvimento nos jazimentos de ouro no Tapajós, em especial o Ouro Roxo.

Já a Eagle é uma junior canadense que produz grafita em uma mina com capacidade anual de 4.000t de flocos de grafita de alto conteúdo de carbono por ano. Como parte do negócio será vendida a Mineração Vila Porto Rico que é a detentora das concessões do Ouro Roxo e Porto Rico no Tapajós.

A amalgamação irá transformar a Eagle em uma subsidiária da Amerix.

Fonte: [www.geologo.com.br](http://www.geologo.com.br)

**20-09/07/2014**

Produção antecipada no Projeto Vanádio Maracás

TORONTO, 09 de julho de 2014 / Largo Resources Ltd. (“Largo” ou a “Companhia”) informa que alimentação do forno do Projeto Vanádio Maracás está em andamento, entretanto, algumas pequenas adaptações técnicas em várias áreas da planta tenham exigido interrupções intermitentes das operações.

Na mineração, o sistema de britagem, a moagem e a planta de beneficiamento estão todos operacionais e mais de 10.000 toneladas de concentrado de vanádio já foram estocadas para alimentar o forno.

O sistema de forno exigiu vários ajustes, principalmente de natureza mecânica, relativa ao sistema de alimentação, precipitador eletrostático (sistema de coleta de poeira) e sistema de gerenciamento do queimador que exigirem paradas de curto prazo na alimentação de material.

Largo tem o prazer de informar que, apesar destas interrupções temporárias na alimentação, o material foi processado com sucesso através do forno durante o seu tempo de funcionamento. Cerca de 3.000 toneladas de minério de ferro como subproduto também foram armazenadas.

Fonte: Largo Resources

**21-09/07/2014**

## **SIMPÓSIO BRASILEIRO DE GEOLOGIA DO DIAMANTE REÚNE ESPECIALISTAS INTERNACIONAIS**

A sexta edição do Simpósio Brasileiro de Geologia do Diamante, que será realizado de 3 a 7 de agosto em Patos de Minas (MG), vai reunir especialistas em diamantes e suas diversas áreas temáticas. O evento comemora os 300 anos da descoberta do diamante no Brasil, em 1714, no estado de Minas Gerais, fazendo do país o maior produtor mundial por cerca de 150 anos. Pesquisadores como Stephen Haggerty, Jim Shigley e Wuyi Wang dos Estados Unidos, e Viktor Garanin, da Rússia, ministrarão palestras sobre as cores dos diamantes e sua identificação. O Simpósio é organizado pela Sociedade Brasileira de Geologia-Núcleo MG, junto a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

**22-09/07/2014**

## **SUDENE VAI LIBERAR R\$ 1 BILHÃO PARA OBRA DA CSS**

A Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene) aprovou o projeto de implantação da Companhia Siderúrgica Suape (CSS), prevista para ser instalada em Cabo de Santo Agostinho (PE), próximo ao Complexo Industrial Portuário de Suape. A empresa poderá receber até R\$ 1,075 bilhão por meio do Fundo de Desenvolvimento do Nordeste (FDNE), segundo o Diário Oficial da União do último domingo (6).

A siderúrgica tem entre seus sócios o grupo sul-coreano Posco, sócio da Vale e da Dongkuk na Companhia Siderúrgica do Pecém, no Ceará, e a Fábrica Participações, empresa de investimento e desenvolvimento de projetos.

A CSS, que pelo cronograma inicial deveria começar a operar este ano, deverá demorar um pouco mais para começar a ser erguida no complexo. De acordo com a Assessoria de Comunicação da Agência Estadual de Meio Ambiente (CPRH), o pedido de licenciamento ambiental da companhia, solicitado em setembro de 2011, foi “indeferido”.

O projeto da CSS prevê a construção de uma indústria laminadora em um terreno de 250 hectares. A unidade será responsável pela produção de bobinas a quente e a frio e laminados revestidos para os setores naval, automotivo, de máquinas e equipamentos, linha branca, turbinas eólicas, indústria eletroeletrônica e construção civil. A expectativa da companhia é produzir mais de um milhão de toneladas por ano.



Outra parte do complexo é a Zona de Processamento de Aço (ZPA). Instalada em uma área de 111 hectares, a ZPA será um polo industrial composto por múltiplas unidades, tanto próprias da CSS como de terceiros, voltadas para o processamento de aço nas formas de perfis, barras, chapas e bobinas, a partir de matéria-prima fornecida pela siderúrgica pernambucana.

Em sua fase inicial, a ZPA vai produzir até 125 mil toneladas por ano, atingindo um pico de 250 mil toneladas em sua fase de expansão, ocasião em que ampliará também sua base instalada de unidades processadoras, formando um polo metal-mecânico.

A ZPA deverá suprir as necessidades de materiais e equipamentos das indústrias navais, de óleo e gás, de geração de energia eólica e de máquinas e equipamentos pesados.

Mais de três mil empregos serão gerados na fase de construção e, após a finalização da obra, estão previstos 500 novas vagas de trabalho permanentes. Também serão criados 2,3 mil empregos indiretos.

A decisão de instalar uma usina no Complexo Portuário de Suape se deve ao crescente desenvolvimento do Nordeste, especialmente de Pernambuco. Ela será localizada a 12 quilômetros do Porto de Suape e a apenas 35 quilômetros de Recife. Com informações do jornal Folha de Pernambuco.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

**23-09/07/2014**

## **BAHIA VAI RECEBER CONGRESSO MUNDIAL DE JOALHERIA**

*Evento acontecerá em maio do próximo ano, no Sheraton Hotel da Bahia, com a presença de joalheiros de vários países*

A Bahia vai receber em maio de 2015, entre os dias 4 e 6, em Salvador, o congresso anual da CIBJO - Confederação Internacional de Joalheria. O congresso será organizado pelo Instituto Brasileiro de Gemas e Metais Preciosos (IBGM), Associação Baiana dos Produtores e Comerciantes de Gemas e Metais Preciosos, com o apoio do Governo do Estado da Bahia.

"Com os olhos do mundo sobre o Brasil, vamos realizar pela primeira vez na história o congresso CIBJO na América Latina, em um país vibrante e em uma cidade que é uma verdadeira jóia engastada na borda do Atlântico", exalta Gaetano Cavalieri, presidente da CIBJO.

"O Governo do Estado reduziu, em 2010, de 27% para 4% o ICMS para o segmento de gemas (pedra não lapidada) e jóias. Muitos profissionais deixaram a informalidade, além de gerar mais emprego e renda nas regiões produtoras, a exemplo de Campo

Formoso, que produz 4 toneladas/mês de esmeraldas, sendo que 2,2 t são vendidas para Índia”, diz o secretário da Indústria, Comércio e Mineração, James Correia.

O congresso será realizado no Sheraton Hotel da Bahia, perto do centro histórico da cidade – o Pelourinho, Patrimônio Mundial da UNESCO, com monumentos históricos que datam dos séculos XVII a XIX. E é em um dos casarões coloniais do Pelourinho onde justamente está instalado o Centro Gemológico da Bahia, mantido pela Secretaria da Indústria, Comércio e Mineração.

"Como o maior país em um mercado regional que movimenta mais de US\$ 8 bilhões no segmento de jóias e gemas, tenho a certeza de que a nossa indústria vai ter a oportunidade de aprender mais sobre o Brasil e a América Latina. Será um evento inesquecível na Bahia", aposta Cavalieri.

O Brasil é conhecido como produtor de pedras preciosas, mas também possui uma indústria de joalheria vibrante e um dos mercados em desenvolvimento mais emocionantes do mundo. Apelamos aos membros de nossa indústria para se juntar a nós na bonita e excitante cidade de Salvador”, diz Hécliton Santini Henriques, presidente do IBGM.

Fonte: SICM

**24-09/07/2014**

## **RGM CRIA POSTO DE INFORMAÇÕES SOBRE PROJETO DE ILMENITA NO RIO GRANDE DO SUL**

O projeto Atlântico Sul, da Rio Grande Mineração (RGM), que visa produzir ilmenita, zircão e rutilo, no município de São José do Norte, Rio Grande do Sul, terá os seus dados acessíveis para a população local em um posto de informações, instalado pela empresa na última sexta-feira (4), no centro da cidade. A mineradora estima em R\$ 800 milhões o investimento necessário na nova mina.

A vida útil estimada para o projeto é de 20 anos. A empresa pretende alcançar a meta de 300 a 600 mil toneladas como produção anual, quando a mina estiver em plena atividade. O início da operação deve ser em 2017, mas depende ainda da obtenção de licenças ambientais.

O projeto Atlântico Sul é uma junção dos antigos projetos da Bojuru, da Paranapanema, e Retiro, da Rio Tinto, comprados pela Rio Grande.

Na primeira fase do projeto, serão investidos cerca de US\$ 340 milhões para o estabelecimento da lavra e para a planta de processamento de minério, disse Luiz Bizzi, CEO da RGM, durante uma entrevista ao NMB, há três meses.

O processo de beneficiamento do minério será feito por meio de separação gravimétrica, magnética e eletrostática, o que pode contribuir para a obtenção das licenças ambientais necessárias, segundo o CEO.

A recuperação topográfica será feita à medida que a frente de lavra avança e demorará cerca de 18 meses para recompor cada lote de área minerada. A companhia fechou parceria com a HAR Engenharia e a CPEA para a execução da parte ambiental do projeto.

Para o escoamento da produção, a empresa negocia com a Estaleiros do Brasil (EBR) e com outras empresas estabelecidas na região, visando utilizar o espaço portuário que está sendo construído em São José do Norte para escoar o material que será exportado.

Cerca de 350 postos de trabalho diretos, além dos indiretos, poderão surgir em São José do Norte, com o desenvolvimento do projeto Atlântico Sul. Com informações do jornal gaúcho Agora.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

**25-10/07/2014**

### **Arcelor comemora queda no preço do minério**

Por **Olivia Alonso** | De São Paulo

A queda do preço do minério de ferro neste ano prejudica as receitas da mineradoras, mas, por outro lado, é positiva para quem utiliza a matéria-prima, como é o caso da ArcelorMittal Tubarão, subsidiária brasileira da ArcelorMittal. Em entrevista ao **ValorPRO**, serviço de tempo real do **Valor**, o presidente da empresa, Benjamin Baptista, diz que a siderúrgica compra a commodity a preços do mercado e, assim, vem conseguindo uma melhoria dos seus custos e ganho de competitividade.

Ontem, o minério de ferro foi negociado a US\$ 96,60 por tonelada no mercado à vista da China, 22% abaixo do preço de um ano atrás. Neste ano, a commodity acumula queda de 28% e analistas do setor esperam que o preço continue próximo do nível atual.

"Isso nos ajuda a enfrentar a competição do mercado. Para nós, é positivo. No caso das empresas integradas, com certeza essa queda do preço da matéria-prima significa uma situação pior", afirmou Baptista. Empresas como CSN, Usiminas e Gerdau, que são grandes produtoras de minério de ferro, além da atividade de siderurgia, sofrem uma redução de suas receitas com a venda da commodity, assim como é o caso das mineradoras, como a Vale.

Benjamin diz que o preço mais baixo do minério melhora a competitividade da Arcelor Tubarão internamente e fora do país. No mercado brasileiro, as vendas de aços planos estão fracas neste ano. Dados recentes do Instituto Nacional dos Distribuidores de Aço

(Inda), mostram que em maio as vendas somaram 358,5 mil toneladas, queda de 0,4% em um ano. Para junho, o Inda projeta retração de 12% na comparação com maio.

No exterior, Baptista vê melhores chances de competir com russos no mercado global de placas, por exemplo. "Chegamos mais perto dos russos e ucranianos, que têm minério e carvão. E com o aumento da escala de Tubarão, ficamos com melhor perspectiva", diz. A companhia decidiu religar neste mês o alto-forno número 3, em Serra (ES). Com capacidade para produzir anualmente 2,8 milhões de toneladas de aço bruto, a instalação foi paralisada para reparo em novembro de 2012 e continuou parada devido às condições adversas da demanda global de aço.

**26-10/07/2014**

### **Fundador da Fortescue prevê maior domínio das grandes mineradoras**

Por **Jamie Smyth | Financial Times, de Port Hedland**

O homem que fez uma aposta de US\$ 10 bilhões no mercado global de minério de ferro está prevendo que as três grandes mineradoras da Austrália vão reforçar ainda mais seu domínio sobre o setor nos próximos anos, na medida em que os produtores com custos mais altos caem vítimas dos preços mais baixos do minério de ferro.

Andrew "Twiggy" Forrest, fundador e presidente do conselho de administração da Fortescue Metals, diz que a queda nos preços do minério de ferro desde o começo do ano está levando alguns produtores australianos e concorrentes internacionais de menor porte a abandonarem o setor.

"Como os grandes produtores australianos têm custos operacionais incrivelmente baixos, estamos prevendo que uma maior substituição ocorrerá na China e Índia, com concorrente mudando de produção", diz Forrest, que controla um terço das ações da Fortescue. "O fechamento indiscriminado de produtoras de minério de ferro basicamente está acontecendo em outros países. A região de Pilbara [no oeste da Austrália] sempre foi o grande concorrente."

As três grandes mineradoras da Austrália - BHP Billiton, Rio Tinto e Fortescue - investiram dezenas de bilhões de dólares na última década para ampliar minas, ferrovias e portos em Pilbara, para tirar proveito do aumento da demanda da China. Elas estão passando por um momento excelente, depois que os preços do minério de ferro atingiram valores acima de US\$ 150 a tonelada em 2011, o que levou as australianas a aumentarem a oferta para 661 milhões de toneladas em 2014 - equivalente a cerca de um terço da oferta mundial.

Mas pela primeira vez em uma década, a oferta de minério de ferro, ingrediente-chave na produção de aço, parece que vai superar a demanda por um período prolongado. As preocupações dos investidores com um esfriamento da economia chinesa e a repressão de Pequim ao financiamento de commodities estão contribuindo para a volatilidade do mercado.

Os preços caíram 30% desde o começo do ano, para cerca de US\$ 95 a tonelada, levando grandes mineradoras e analistas a estimarem uma reestruturação da indústria global do minério de ferro. "Esses preços baixos estão tendo uma resposta da oferta, não na Austrália, mas nas áreas de custos altos da China", diz Glyn Lawcock, analista do UBS.

A China produz cerca de 350 milhões de toneladas de minério de ferro por ano em um grande número de pequenas minas, que têm um custo de produção de US\$ 90 por tonelada ou mais. México, Irã, Malásia e vários outros países também estão reduzindo a produção, segundo Lawcock.

Na semana passada a Labrador Iron Mines Holdings suspendeu a produção em suas minas canadenses por causa da queda dos preços, enquanto a IMX Resources recentemente fechou sua mina de minério de ferro de Cairn Hill, no sul da Austrália.

O UBS estima que a Rio Tinto e a BHP têm um preço de equilíbrio de US\$ 44 e US\$ 53 por tonelada métrica seca, respectivamente. A Fortescue e a Vale têm um preço de equilíbrio de US\$ 77 e US\$ 76, respectivamente, o que significa que as quatro grandes produtoras podem continuar lucrando com os preços atuais e aumentando suas participações de mercado.

A grande queda nos preços deverá limitar os planos da Rio Tinto e da BHP de devolver grandes somas de dinheiro para os acionistas por meio de dividendos ou recompras de ações, afirmam analistas. Ela também poderá desacelerar os esforços da Fortescue para reduzir seu endividamento de US\$ 10 bilhões, segundo a Standard & Poor's (S&P).

O repique na produção de minério de ferro de Pilbara é visível em Port Hedland, o maior porto exportador de carga a granel do mundo, onde as exportações aumentaram 29% no ano até junho. Mas apesar da queda recente nos preços, há poucos sinais de uma desaceleração da oferta de minério de ferro de Pilbara.

A Roy Hill, uma mina de minério de ferro apoiada por Gina Rinehart, a mulher mais rica da Austrália, deverá começar a produzir no ano que vem e em algum momento chegar a exportar 55 milhões de toneladas por ano.

A BHP está mantendo seu plano de aumentar a produção de 217 milhões de toneladas no ano, até junho, para 270 milhões de toneladas. Todavia, ela não disse quando vai alcançar esta meta de produção.

"Construímos nosso negócio em partes, de modo que fazemos os projetos e adicionamos um carregador de navios extra ou basculadores de vagões - isso de maneira muito ponderada, dentro de um processo de investimentos detalhado -, de modo que quando aumentamos essa capacidade, nós vamos usá-la", diz Jimmy Wilson, presidente da área de minério de ferro da BHP.

Ao elevarem os volumes ofertados, as produtoras australianas vão reivindicar parcela muito maior do mercado global. O Morgan Stanley prevê que a oferta anual de minério da Austrália vai dobrar para 781 milhões de toneladas entre 2010 e 2017, aumentando a participação de mercado de 23% em 2010 para 35%.

Analistas preveem que os preços do minério de ferro vão cair mais nos próximos anos por causa da oferta adicional da Austrália e do Brasil. Até onde os preços vão cair dependerá da demanda da China.

Forrest, que levantou mais de US\$ 10 bilhões junto a investidores para fundar a Fortescue em 2003, aproveitando o vigor do crescimento chinês, diz que a demanda não será problema. "Estamos a menos da metade do processo de urbanização da China", diz. "A US\$ 80 ou US\$ 90 a tonelada, o minério de ferro ainda é um grande negócio."

**27-10/07/2014**

## **SETOR DA MINERAÇÃO TERÁ REPRESENTANTE NA DIRETORIA DA FIERGS**

*Posse da nova diretoria da Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul acontece em 18 de julho de 2014*

O Sindicato da Indústria da Mineração de Brita, Areia e Saibro do Estado do Rio Grande do Sul (Sindibritas) e a Associação Gaúcha dos Produtores de Brita, Areia e Saibro (Agabritas) estarão representados na nova diretoria da Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul. O presidente das entidades, Walter Fichtner fará parte da Diretoria da FIERGS/CIERGS eleita neste ano e que tem solenidade de posse prevista para o dia 18 de julho de 2014. Reeleito para mais um mandato até 2017 à frente da Federação e do Centro das Indústrias do Rio Grande do Sul (FIERGS/CIERGS), Heitor José Müller toma posse no próximo dia 18, às 20h. A cerimônia será acompanhada por 2 mil convidados, no Teatro do Sesi, em Porto Alegre.

Walter Fichtner comanda a Agabritas e Sindibritas até o final do mandato em novembro de 2014. No comando das entidades desde sua fundação em 24/07/2008 conquistou importantes avanços elevando significativamente o número de empresas associadas e tornando o setor uma importante referência nas negociações com entidades e órgãos do governo.

### **Sobre o Sindibritas**

O Sindicato da Indústria da Mineração de Brita, Areia e Saibro do Estado do Rio Grande do Sul - Sindibritas recebeu o Certificado de Registro Sindical do MTE em 16 de dezembro de 2010 com o objetivo de coordenar, proteger e representar a indústria de mineração do RS. Tem como missão defender os interesses da categoria patronal, estimular a competitividade e promover a livre iniciativa. Além disso, busca celebrar

convenções coletivas de trabalho respeitando limites éticos e cooperando com o governo e com a sociedade em nome do desenvolvimento sustentável.

### **Sobre a Agabritas**

A Associação Gaúcha dos Produtores de Brita, Areia e Saibro - Agabritas - foi fundada em 27 de maio de 1980 e ao longo dos anos tem trabalhado pela união das empresas mineradoras, no desenvolvimento de parcerias, promovendo os seus interesses e objetivos comuns. A entidade atua com foco na comunicação eficaz com os principais órgãos de competência do setor, buscando atender as necessidades dos associados. As atividades são norteadas com o foco na preocupação ambiental e no desenvolvimento econômico e social.

Fonte: Assessoria de Imprensa

**28-10/07/2014**

### **SAFM ASSINA ACORDO PARA EXPANDIR PROJETO DE MINÉRIO DE FERRO EM MG**

A empresa australiana South American Ferro Metals (SAFM) assinou ontem (9) um Memorando de Entendimento (MoU) para adquirir os direitos minerários de uma propriedade adjacente ao seu projeto de minério de ferro Ponto Verde, em Itabirito (MG). O objetivo da empresa com a aquisição é expandir a área do empreendimento.

Segundo o documento, caso o acordo se concretize, a SAFM poderá explorar o lado leste da propriedade Sapecado Sul, que fica próxima à mina Ponto Verde. O MoU permite que a empresa use os levantamentos históricos da propriedade, a fim de expandir a área de seu projeto.

De acordo com a SAFM, o estudo de viabilidade passa por reavaliação, considerando esta informação adicional, com o objetivo de ampliar as reservas de Ponto Verde. A previsão da empresa é que o estudo seja concluído no terceiro trimestre deste ano.

"Este MoU é um marco importante para o desenvolvimento da empresa. A expectativa é que a SAFM seja capaz de expandir os seus recursos minerais na região de Sapecado Sul. A empresa tem recebido pesquisas que já foram realizadas na propriedade e está realizando estudos detalhados para avaliar a expansão de seu estudo de viabilidade atual", afirmou Stephen Turner, diretor administrativo da empresa.

A SAFM se comprometeu, após assinar um acordo de financiamento com o Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais (BDMG) em maio deste ano, a atingir uma capacidade de produção de cerca de 4 milhões de toneladas por ano de produto beneficiado, até junho de 2019, e um faturamento de R\$ 360 milhões no terceiro ano de operação.

Toda a produção da SAFM é negociada com produtores locais. A empresa tem acordos off take com a Vale e com a CSN, por meio da Namisa, que cobre cerca de 75% da sua produção total. A companhia australiana tem baixo custo de produção, com uma média de US\$ 21 por tonelada.

A SAFM detém 100% dos direitos da mina Ponto Verde, localizada na região metropolitana de Belo Horizonte, dentro do quadrilátero ferrífero, em Minas Gerais.

Os recursos do projeto Ponto Verde são de 301 milhões de toneladas, com teor de 40,6% Fe. O valor foi estimado por meio de sondagem dos primeiros 70 metros do depósito, com furos mais profundos indicando que os recursos se estendem a uma profundidade de até 320 metros.

Notícias de Mineração Brasil

**29-10/07/2014**

### **VENETIA EM DIREÇÃO À LAVRA SUBTERRÂNEA**

Venetia é um kimberlito situado no Limpopo Belt, que se popularizou por ser o maior produtor de diamantes da África do Sul, batendo jazimentos famosos como Premier e Finsch. O pipe de Venetia foi descoberto em 1980 pela De Beers e entrou em produção em 1992. Desde então a mina vem sendo lavrada a céu aberto e contribui com 40% de todo o diamante produzido no país.

Mas os dias da lavra a céu aberto estão contados. O fundo do pit, a 400m da superfície, já está chegando e é hora de planejar a lavra subterrânea.

A mina subterrânea deverá produzir os primeiros diamantes em 2021, atingindo a produção total em 2024. Trata-se de uma nova mina, um novo empreendimento onde serão investidos em torno de US\$2 bilhões.

Esta operação adicionará 50 anos de vida útil e 96 milhões de quilates à De Beers. Nela serão usadas técnicas de lavra e equipamentos de última geração como caminhões por controle remoto e drones.

Calcula-se que a mina subterrânea deva criar 13.000 empregos diretos e indiretos injetando bilhões de dólares na economia do país.

Fonte: Geólogo

**30-10/07/2014**

### **CARPATHIAN PRODUZ 10 MIL ONÇAS DE OURO NA RETOMADA DO RAMP-UP**



A Carpathian Gold afirmou no último dia 8 que processou 364.052 toneladas de minério, com teor médio de 1,32 g/t Au, e produziu 10.671 onças de ouro e 3.441 onças de prata no projeto de ouro Riacho dos Machados, em Minas Gerais. Os números correspondem ao período de reinício do ramp-up, em março deste ano, com a retomada da Autorização Provisória de Operação (APO), até o último dia 30 de junho.

A planta de processamento, um circuito convencional de lixiviação a carbono (CIL) com capacidade de produção prevista em 7,1 mil toneladas por dia, está em fase de ramp-up, e os componentes da planta estão sendo testados com previsão de ajustes técnicos, caso seja necessário.

Segundo a Carpathian, um ramp-up em uma planta do tamanho de Riacho dos Machados pode variar de três até seis meses ou mais, caso falhas na engenharia ou em equipamentos sejam constatadas. A mineradora afirmou que tem enfrentado dificuldades durante essa fase, sendo a principal delas com a geração de energia, devido a uma falha na sincronização dos geradores que resultou em várias paralisações e, consequentemente, no atraso do cronograma previsto.

Em junho, foram processadas 119.560 toneladas de minério, com um teor médio de 1,30 g/t de ouro, atingindo aproximadamente 56% da capacidade de projeto. No mês de maio, 3.279 onças de ouro foram produzidas, o que representa 66% do ouro contido no minério. A recuperação metalúrgica foi de 86%.

Também em junho, foram extraídas 101.745 toneladas de minério bruto (ROM), com teor médio de 1,14 g/t Au, sendo 48% da produção diária de 7, 1 mil toneladas e os restantes 52% provenientes do estoque. O teor de corte do ROM é de 0,63 g/t de ouro.

No acumulado dos cerca de três meses desde a retomada do ramp-up, o ROM chegou a 547.131 toneladas, com teor médio de 1,09 g/t de ouro. No mesmo período, os estoques acumularam 862.808 toneladas de ROM, com um teor médio de 0,88 g/t de ouro.

Riacho dos Machados está em operação graças à APO, que foi revalidada em fevereiro deste ano. A Carpathian anunciou, em 8 de janeiro, que a Mineração Riacho dos Machados (MRDM), subsidiária da empresa no Brasil e operadora do projeto, tinha recebido da Supram a suspensão temporária da APO.

O custo com os reparos realizados na mina, após as fortes chuvas que atingiram a região nos meses de dezembro e janeiro do ano passado, foram estimados em cerca de US\$ 500 mil a US\$ 700 mil. A APO permite que a Carpathian produza e venda o ouro produzido durante o ramp-up do projeto antes de receber a Licença de Operação (LO).

A mineradora afirmou que segue trabalhando com as condicionantes estabelecidas pelos órgãos reguladores para receber a LO. A previsão é que licença seja concedida dentro de dois a três meses.

O projeto de ouro no Brasil é o principal da Carpathian, que também é proprietária da operação de cobre e ouro RVP, na Romênia.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

**31-10/07/2014**

### **PRODUÇÃO ANTECIPADA NO PROJETO VANÁDIO MARACÁS**

A Largo Resources Ltd. informa que alimentação do forno do Projeto Vanádio Maracás está em andamento, embora algumas pequenas adaptações técnicas em várias áreas da planta tenham exigido interrupções intermitentes das operações.

Na mineração, o sistema de britagem, a moagem e a planta de beneficiamento estão todos operacionais e mais de 10.000 toneladas de concentrado de vanádio já foram estocadas para alimentar o forno.

O sistema de forno exigiu vários ajustes, principalmente de natureza mecânica, relativas ao sistema de alimentação, precipitador eletrostático (sistema de coleta de poeira) e sistema de gerenciamento do queimador que exigirem paradas de curto prazo na alimentação de material.

Largo tem o prazer de informar que, apesar destas interrupções temporárias na alimentação, o material foi processado com sucesso através do forno durante o seu tempo de funcionamento. Cerca de 3.000 toneladas de minério de ferro como subproduto também foram armazenadas.

Fonte: Largo Resources

**32-10/07/2014**

### **EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE MINERAÇÃO DA AMAZÔNIA**

O Instituto Brasileiro de Mineração (IBRAM – [www.ibram.org.br](http://www.ibram.org.br)), promove a cada dois anos o Congresso de Mineração da Amazônia. O evento tem como principal foco debater a mineração sustentável para a Amazônia. A agenda também inclui assuntos ligados ao contexto socioeconômico e político, tanto mundial quanto o brasileiro, bem como as perspectivas dos negócios para as próximas décadas anunciadas pelas mineradoras.

O tema deste ano será: “Mineração: consolidando o desenvolvimento nos territórios minerais”. O evento, que ocorre simultaneamente com a **EXPOSIBRAM AMAZÔNIA**, reúne, em média, 1.000 congressistas a cada edição.

Em 2014, o IBRAM realiza, em Belém (PA), a quarta edição da **EXPOSIBRAM AMAZÔNIA 2014**, que inclui a Exposição Internacional de Mineração da Amazônia e o 4º Congresso de Mineração da Amazônia, pretende apresentar a evolução tecnológica da moderna indústria da mineração, que busca a preservação do meio ambiente, a saúde e a segurança dos trabalhadores.

Para dinamizar os debates dos temas considerados mais fundamentais para o setor mineral e a cadeia produtiva, o IBRAM estabelece uma programação que conta com palestras magnas, workshops, talk shows, entre outras iniciativas que se unem às atividades desenvolvidas no ambiente da feira internacional de negócios, que é a **EXPOSIBRAM**.

Em todas as edições do Congresso, executivos das principais mineradoras com atuação global ficam à disposição do público para externarem suas opiniões e trocarem experiências e informações. O Congresso de Mineração da Amazônia é considerado excelente fórum para mapear perspectivas de negócios na Amazônia e em várias outras regiões do país.

#### **Informações Gerais:**

**LOCAL DE REALIZAÇÃO:** Hangar Centro de Convenções e Feiras da Amazônia- Avenida Doutor Freitas, S/N, Marco - Belém – Pará – Brasil

**PERÍODO DE REALIZAÇÃO:** 17 a 20 de novembro de 2014

**PÚBLICO ALVO E VISITAÇÃO:** Profissionais, técnicos e estudantes, do setor público e privado, principalmente da Amazônia do Brasil. Expectativa de 10.000 visitantes, durante os 04 dias de evento. Expectativa de 1.000 congressistas. Área de Exposição: 4.000 m<sup>2</sup> para montagem de estandes.

Fonte: Redes Fiepa

**33-10/07/2014**

#### **NÃO-METÁLICOS**

##### **Jundu terá novo projeto em Sergipe**

Presente nos estados de São Paulo, Minas Gerais, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, a Mineração Jundu, especializada em minerais não-metálicos, chega a Sergipe. O objetivo é fornecer matéria-prima para a Saint-Gobain no estado e, futuramente, para outros estados do Nordeste. A Jundu produz areias-base, areias especiais, sílica moída, areias cobertas para o processo Shell molding, calcário e dolomita. O valor inicial do projeto é de R\$ 15 milhões, com previsão de instalação da fábrica para o início de julho de 2015. “De início usaremos matéria-prima da Bahia, mas em 2016 esperamos usar matéria-prima de Sergipe”, afirmou o gerente de EHS da empresa, Ricardo Franzin. São 70 pessoas trabalhando na obra, 30 na primeira fase e quarenta pessoas trabalhando na segunda fase. Para trabalhar na empresa, nós buscamos mão-de-obra local, que receberá o treinamento em São Paulo”, disse Franzin. A empresa também apresentou a preocupação em relação ao meio ambiente. “A água será utilizada em circuito fechado, aproveitando os declives do terreno e estão sendo tomados os cuidados com a geração de poeira. Trabalhamos com isso há 20 anos e nunca tivemos casos de problemas de saúde ligados à nossa indústria”, acrescentou.

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 660 –

**34-10/07/2014**

## **CIMENTO**

### **Holcim e Lafarge vendem ativos para viabilizar fusão**

Desde o anúncio do plano de fusão entre a Holcim e a Lafarge, em abril de 2014, as duas companhias vêm avaliando a venda de ativos, em cerca de 5 bilhões de euros, para que a operação seja aprovada por órgãos reguladores na Europa. A Holcim e a Lafarge se propuseram a vender ativos na Áustria, Romênia, Sérvia e Reino Unido. Como parte do processo, a Anglo American venderia sua participação de 50% no grupo britânico de materiais de construção Lafarge Tarmac de volta à Lafarge por um valor mínimo, em dinheiro, de US\$ 1,5 bilhão, para que o grupo francês possa, então, vender o grupo inteiro. Caso a fusão não seja aprovada, a Anglo informou que continuará com sua participação na Lafarge Tarmac. As empresas comunicaram que haverá ainda vendas no Canadá, Ilhas Maurício, Filipinas e Brasil. Outras vendas podem ocorrer para viabilizar a fusão, esperada para a primeira metade de 2015. No Brasil, as duas empresas vão encaminhar em breve ao Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade) um pacote com “ativos de alta qualidade”. A Lafarge tem fábricas no Rio de Janeiro, São Paulo, Paraíba, Goiás, Bahia e Minas Gerais, com capacidade de produção de cerca de 8 milhões t/ano. Já a Holcim possui unidades nos quatro estados na região Sudeste, com capacidade de aproximadamente 6 milhões t/ano.

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 660 –

**35-10/07/2014**

## **OURO**

### **Carpathian reinicia operação em Riacho dos Machados**

A Carpathian Gold processou 364.052 t de minério, com teor médio de 1,32 g/t Au, e produziu 10.671 onças de ouro e 3.441 onças de prata no projeto de ouro Riacho dos Machados, em Minas Gerais. Os números correspondem ao período de reinício do ramp-up, em março deste ano, com a retomada da Autorização Provisória de Operação (APO), até o último dia 30 de junho. A planta de processamento tem capacidade de produção prevista em 7,1 mil t/dia e está em fase de ramp-up. Os componentes da planta estão sendo testados e passarão por ajustes técnicos se houver necessidade. O período de ramp-up pode durar de três meses a um semestre em Riacho dos Machados. Tudo dependerá, segundo a Carpathian, se forem constatadas falhas na engenharia ou em equipamentos. A Carpathian tem encontrado dificuldades nesta fase, principalmente no que se refere à geração de energia, devido a uma falha na sincronização dos geradores, que resultou em várias paralisações e, conseqüentemente, no atraso do cronograma previsto. O custo com os reparos realizados na mina, após as fortes chuvas que atingiram a região nos meses de dezembro e janeiro de 2013, foram estimados em cerca de US\$ 500 mil a US\$ 700 mil. A APO permite que a Carpathian produza e venda o ouro produzido durante o ramp-up do projeto antes de receber a Licença de Operação (LO). A previsão é que licença seja concedida dentro de dois a três meses.

**36-10/07/2014**

## **MINÉRIO DE FERRO**

### **SAFM quer expandir Ponto Verde em Itabirito**

A South American Ferro Metals (SAFM) assinou um Memorando de Entendimento para adquirir os direitos minerários de uma propriedade adjacente ao seu projeto de minério de ferro Ponto Verde, em Itabirito (MG). O objetivo da empresa com a aquisição é expandir a área do empreendimento. Segundo o documento, caso o acordo se concretize, a SAFM poderá explorar o lado leste da propriedade Sapecado Sul, que fica próxima à mina Ponto Verde. Com a autorização, a SAFM poderá usar os levantamentos históricos da propriedade, a fim de expandir a área de seu projeto. "Este Memorando é um marco importante para o desenvolvimento da empresa. A expectativa é que a SAFM seja capaz de expandir os seus recursos minerais na região de Sapecado Sul. A empresa tem recebido pesquisas que já foram realizadas na propriedade e está realizando estudos detalhados para avaliar a expansão de seu estudo de viabilidade atual", afirmou Stephen Turner, Diretor administrativo da empresa. Os recursos do projeto Ponto Verde são de 301 milhões de t, com teor de 40,6% Fe. O valor foi estimado por meio de sondagem dos primeiros 70 m do depósito, com furos mais profundos indicando que os recursos se estendem a uma profundidade de até 320 m. Toda a produção da SAFM é negociada com produtores locais. A empresa tem acordos off take com a Vale e com a CSN, por meio da Namisa, que cobre cerca de 75% da sua produção total. A SAFM se comprometeu, após assinar um acordo de financiamento com o Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais (BDMG), em maio deste ano, a atingir uma capacidade de produção de cerca de 4 milhões de t/ano de produto beneficiado, até junho de 2019, e um faturamento de R\$ 360 milhões no terceiro ano de operação.

**37-10/07/2014**

## **PARÁ**

### **Vale vai revitalizar áreas urbanas da EFC**

A Vale assinou convênio de R\$ 29,7 milhões com a Prefeitura de Marabá (PA) para implantar programa de revitalização das áreas urbanas da Estrada de Ferro Carajás (EFC). O convênio prevê a pavimentação, sinalização, drenagem e iluminação de mais de 22 km de vias públicas em Marabá. Segundo o Diretor de relacionamento da Vale, Selbe Meireles, o projeto aprovado por ambas as partes envolve ações de segurança, acessibilidade e qualidade de vida. Os recursos serão investidos nos bairros Araguaia, Nossa Senhora da Aparecida, Alzira Mutran (Km 07) e São Félix.

**38-10/07/2014**

## **ALCOA**

### **Lucro de US\$ 138 milhões no segundo trimestre**

A Alcoa obteve lucro líquido de US\$ 138 milhões ou 0,12 dólar por ação no segundo trimestre de 2014, ante prejuízo de US\$ 119 milhões ou 0,11 dólar por ação registrados no mesmo período de 2013. As vendas ficaram estáveis em US\$ 5,8 bilhões. A Alcoa disse que todos os segmentos de negócios tiveram lucro no trimestre. A unidade de produtos e soluções de engenharia, de negócios de produtos acabados teve o resultado mais alto, com lucro operacional, após impostos, de US\$ 204 milhões. Excluindo o impacto de itens especiais, os ganhos foram de US\$ 216 milhões ou 0,18 dólar por ação, nos três meses encerrados em junho.

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 660 –

**39-10/07/2014**

## **TITÂNIO**

### **RGM vai disponibilizar dados do Atlântico Sul**

A Rio Grande Mineração (RGM) vai disponibilizar dados do projeto Atlântico Sul, que visa produzir ilmenita, zircão e rutilo, no município de São José do Norte (RS), para a população local em um posto de informações, instalado pela empresa. A mineradora estima em R\$ 800 milhões o investimento necessário na nova mina. O projeto tem vida útil de 20 anos e a meta da RGM é produzir entre 300 e 600 mil t/ano, quando a mina estiver em plena atividade. O início da operação deve ser em 2017, mas depende ainda da obtenção de licenças ambientais. O projeto Atlântico Sul é uma junção dos antigos projetos de Bojuru, da Paranapanema, e Retiro, da Rio Tinto, comprados pela Rio Grande. Na primeira fase do projeto, serão investidos cerca de US\$ 340 milhões para o estabelecimento da lavra e para a planta de processamento de minério, disse Luiz Bizzi, CEO da RGM. O processo de beneficiamento do minério será feito por meio de separação gravimétrica, magnética e eletrostática, o que pode contribuir para a obtenção das licenças ambientais necessárias, segundo o CEO. A companhia fechou parceria com a HAR Engenharia e a CPEA para a execução da parte ambiental do projeto. Para o escoamento da produção, a empresa negocia com a Estaleiros do Brasil (EBR) e com outras empresas estabelecidas na região, visando utilizar o espaço portuário que está sendo construído em São José do Norte para escoar o material que será exportado. O projeto criará 350 postos de trabalho diretos, além dos indiretos.

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 660 –

**40-11/07/2014**

### **Glencore e Vedanta lutam por mina de zinco na Namíbia**

No mundo corporativo um contrato tem valor. Certo? Essa frase parece não retratar muito bem o que a Vedanta acredita sobre o assunto.

As duas gigantes da mineração a Vedanta e a Glencore estão em batalha judicial pelo depósito de sulfeto de zinco Gergarub na Namíbia. As duas mineradoras já tem jazimentos de zinco e chumbo na região assim como as refinarias para o processamento do minério.

A briga das mineradoras é pelo controle de Gergarub. Uma arbitragem deste ano deu à Vedanta 51% de Gergarub o que a Glencore acredita ser seu, recorrendo desta decisão e continuando a briga judicial que pode se alongar.

Tudo começou em 2004 quando as duas empresas assinaram um MOU para um projeto conjunto de exploração mineral. Segundo esse memorando a Vedanta deveria pesquisar óxidos de zinco que é o minério existente em sua mina Skorpion, que é processado em sua planta. Segundo o MOU a Glencore pesquisaria esfalerita o sulfeto de zinco que é o minério de sua mina Rosh Pinah.

A empresa que achasse o minério especificado pelo documento poderia lavrá-lo e processá-lo.

O plano, que era bom no papel, deu errado.

A Vedanta descobriu um jazimento de sulfeto de zinco dentro de área da Glencore: Gergarub. Pelo acordo essa jazida deveria ser da Glencore, mas a Vedanta esqueceu o MOU e se apoderou da jazida.

Desde então as empresas brigam na justiça por aquilo que deveria estar perfeitamente entendido e sacramentado.

O CEO da Vedanta, Tom Albanese (ex-CEO da Rio Tinto e considerado o pior CEO da história da RIO) já informou em Londres que pensa desenvolver um projeto integrado de chumbo e zinco nas suas minas da Namíbia e África do Sul. Ou seja, Albanese não vai devolver à Glencore o que deveria ser dela.

Essa atitude da indiana Vedanta mostra que no mundo dos negócios internacionais até mesmo os contratos sólidos podem não ser respeitados quando o assunto é muito dinheiro...

Vamos ver quais serão os próximos passos...

Fonte: [www.geologo.com.br](http://www.geologo.com.br)

**41-11/07/2014**

## **TRISTAR GOLD CONCLUI TERCEIRA FASE DA CAMPANHA DE PERFURAÇÃO EM CASTELO DE SONHOS**

TriStar Gold Inc. tem o prazer de anunciar os resultados finais do seu programa de perfuração em seu Projeto de Ouro Castelo de Sonhos (“CDS”) na região de Tapajós, do estado do Pará, Brasil.

]

Os resultados recebidos são referentes aos últimos 29 furos perfurados na área alvo de Esperança Sul. Além disso, dois furos perfurados pela Barrick Gold em 1996 foram

adicionados ao banco de dados depois que foram precisamente re-locados, re-amostrados e re-analisados.

A terceira fase em CDS é composta por 51 furos perfazendo um total de 4.110 metros perfurados. Até a presente data, 144 furos perfurados totalizando 16.213 metros em Castelo de Sonhos.

Todas as campanhas de perfuração foram conduzidas pela Layne do Brasil Ltda.

Fonte: Infomine

**42-11/07/2014**

## **CONSÓRCIO SANTA QUITÉRIA LANÇA WEBSITE SOBRE PROJETO DE URÂNIO E FOSFATO**

O Consórcio Santa Quitéria lançou um website com informações sobre o projeto de urânio e fosfato Santa Quitéria, em Itaitaia (CE), operado por meio de uma parceria entre as Indústrias Nucleares do Brasil (INB) e a empresa Galvani. Um Centro de Informação ao Cidadão, localizado no centro de Santa Quitéria, também foi criado para atender o público interessado em conhecer e tirar dúvidas sobre o empreendimento.

O site do Consórcio Santa Quitéria, registrado pela Galvani em outubro de 2013, traz dados sobre o projeto, como a previsão do valor investido e a produção estimada, e disponibiliza para leitura online as cartilhas e o Relatório de Impacto Ambiental (Rima).

No Centro de Informação ao Cidadão, é possível solicitar informações e ter acesso às cartilhas que esclarecem questões sobre mineração, radiação e o uso da água.

Com uma previsão de investimentos de R\$ 850 milhões, da iniciativa privada, o projeto tem como objetivo a exploração de uma reserva mineral na qual o urânio se encontra associado ao fosfato. Para isso, além da mineração, serão implantadas unidades de produção de fertilizantes, de ração animal e de concentrado de urânio.

O próximo passo do processo de licenciamento ambiental é a realização de audiências públicas, que estavam previstas para este mês de julho, mas foram adiadas a pedido do Ibama. Segundo o consórcio, as novas datas serão anunciadas em breve.

De acordo com o website, o empreendimento vai permitir uma redução de 50% nas importações de fosfatos e quadruplicar a atual capacidade de produção de concentrado de urânio.

O projeto Santa Quitéria conta com o apoio do Governo do Estado do Ceará, que implantará infraestrutura de abastecimento de água, energia elétrica e na capacitação de mão de obra local, entre outras ações.

Outras informações sobre o projeto podem ser obtidas no website do Consórcio Santa Quitéria no Centro de Informação ao Cidadão, em Itaitaia (CE).



**43-11/07/2014**

### **Importação de minério de ferro pela China cai pelo 2º mês; tem recorde no ano**

PEQUIM (Reuters) - As importações de minério de ferro pela China caíram pelo segundo mês consecutivo em junho, para 74,57 milhões de toneladas, uma vez que a queda acentuada nos preços provoca preocupações e encoraja os compradores no maior consumidor mundial do insumo para siderurgia a adiar ordens.

Os preços do minério de ferro caíram 13 por cento em maio, a maior queda mensal em um ano, e elevaram as expectativas de preços ainda mais baixos. A queda nas compras têm se refletido principalmente nos embarques de junho.

As importações em junho foram 3,6 por cento abaixo dos níveis observados em maio, mostraram dados da autoridade aduaneira do país nesta quinta-feira.

Mas as importações do mês passado subiram 19,7 por cento um ante um ano atrás, segundo cálculos da Reuters com base nos dados de 2013.

As importações totais no primeiro semestre do ano atingiram um recorde de 460 milhões de toneladas, um aumento de 19,1 por cento ano-a-ano.

A demanda da China não conseguiu acompanhar o aumento dos fornecimentos de minério de ferro no mercado global. Os preços de referência compilados pelo Steel Index atingiram uma mínima de 21 meses em junho.

Apesar de ceder 0,9 por cento no mês, o nível dos estoques nos portos da China de 114,8 milhões de toneladas permanece 57 por cento maior do que no mesmo período do ano passado, disse a Associação de Siderurgia e Minério de Ferro chinesa em relatório publicado esta semana.

As maiores siderúrgicas da China elevaram a produção para níveis recordes em meados de junho, segundo dados da associação, apesar das preocupações de que o crescimento da produção tem crescido continuamente acima da demanda.

A associação estimou que 97,2 por cento da produção de aço bruto adicional nos primeiros cinco meses de 2014 foi absorvida pelo mercado externo.

De acordo com dados aduaneiros desta quinta-feira, o total de exportações de produtos siderúrgicos atingiu 7,07 milhões de toneladas em junho, elevando o total ao longo dos

primeiros seis meses para 41,01 milhões de toneladas, um aumento de 33,6 por cento em comparação ao ano passado.

(Reportagem de David Stanway)

**44-11/07/2014**

### **Valemax: sem conseguir descarregar na China Vale chega aos portos japoneses**

A solução idealizada pela Vale, para uma substancial redução nos fretes do minério de ferro, o Valemax, corre sérios riscos. O navio Valemax, um gigante dos mares, pode transportar até 400.000 toneladas de minério de ferro, mais de duas vezes o que um navio tipo Capesize transporta. Com esses monstros a Vale se preparava para combater o minério australiano, reduzindo os seus custos de frete do Brasil para a China.

A ideia é excelente, mas as empresas chinesas de transporte marítimo torpedearam o projeto da Vale que as estava, literalmente, tirando do mercado. Com isso os Valemax foram banidos dos portos da China. Uma incongruência em um país que floresce sobre o minério de ferro cuja indústria pode se beneficiar diretamente de preços mais baixos.

Essa decisão chinesa obrigou a Vale a fazer estações de transbordo flutuantes na Malásia para que os Valemax transfiram a sua preciosa carga para navios menores: o transshipment. A Vale ainda luta para abrir os portos chineses e, conseqüentemente, reduzir o frete de US\$22/t para US\$15/t o que a coloca em igualdade de condições com os australianos que estão mais próximos da China.

Com um olho na China a Vale partiu para soluções criativas e já completou os primeiros desembarques de Valemax em portos japoneses da Nippon Steel e da Sumitomo Metal Corp. Até agora esse balão de ensaio deu certo e, possivelmente, os Valemax farão parte dos contratos futuros entre a Vale e a Nippon Steel. Uma solução interessante para a Vale e para a Nippon Steel que irá ganhar um desconto de US\$400.000 por carga de Valemax que descarregar em seus portos...

Fonte: [www.geologo.com.br](http://www.geologo.com.br)

**45-11/07/2014**

### **Venetia, o kimberlito mais lucrativo da África do Sul, em direção à lavra subterrânea**

Venetia é um kimberlito situado no Limpopo Belt, que se popularizou por ser o maior produtor de diamantes da África do Sul, batendo jazimentos famosos como Premier e Finsch. O pipe de Venetia foi descoberto em 1980 pela De Beers e entrou em produção em 1992. Desde então a mina vem sendo lavrada a céu aberto e contribui com 40% de todo o diamante produzido no país.

Mas os dias da lavra a céu aberto estão contados. O fundo do pit, a 400m da superfície, já está chegando e é hora de planejar a lavra subterrânea.

A mina subterrânea deverá produzir os primeiros diamantes em 2021, atingindo a produção total em 2024. Trata-se de uma nova mina, um novo empreendimento onde serão investidos em torno de US\$2 bilhões.

Esta operação adicionará 50 anos de vida útil e 96 milhões de quilates à De Beers. Nela serão usadas técnicas de lavra e equipamentos de última geração como caminhões por controle remoto e drones.

Calcula-se que a mina subterrânea deva criar 13.000 empregos diretos e indiretos injetando bilhões de dólares na economia do país.

Fonte: [www.geologo.com.br](http://www.geologo.com.br)

**46-11/07/2014**

### **TriStar Gold conclui terceira fase da campanha de perfuração em Castelo de Sonhos**

TriStar Gold Inc. tem o prazer de anunciar os resultados finais do seu programa de perfuração em seu Projeto de Ouro Castelo de Sonhos (“CDS”) na região de Tapajós, do estado do Pará, Brasil.

Os resultados recebidos são referentes aos últimos 29 furos perfurados na área alvo de Esperança Sul. Além disso, dois furos perfurados pela Barrick Gold em 1996 foram adicionados ao banco de dados depois que foram precisamente re-locados, re-amostrados e re-analisados.

A terceira fase em CDS é composta por 51 furos perfazendo um total de 4.110 metros perfurados. Até a presente data, 144 furos perfurados totalizando 16.213 metros em Castelo de Sonhos.

Todas as campanhas de perfuração foram conduzidas pela Layne do Brasil Ltda.

Maiores informações sobre esta campanha e/ou outros assuntos da Tristar Gold, acesse [http://www.infomine.com/index/companies/TRISTAR\\_GOLD\\_INC..html](http://www.infomine.com/index/companies/TRISTAR_GOLD_INC..html)